##### CONGREGAÇÀO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÔLICA

**IDENTIDADE E MISSÀO DO RELIGIOSO IRMA.O IGREJA**

*«E todos vocês sào irmàos»* (Mt 23,8)



##### LIBRERIA EDITRICE VATICANA

CIDADE DO VATICANO 2015

## INTRODUÇA.O

*Irméio*

1. A partir dos primeiros séculos do cristianismo, a vida consagra­ da foi prevalentemente laica, expressao do desejo ardente de homens e mulheres de viver o Evangelho corn a radicalidade que ele propoe a todos os seguidores de Jesus. Até hoje, os membros da vida consagrada laica - homens e mulheres - sa6 a grande maioria.

Irmao é o nome tradicionalmente dado para o religioso leigo1 na Igreja desde o inicio da vida consagrada. Nao pertence exclusivamente a ele, certamente, mas o representa de uma maneira significativa na co­ munidade eclesial na qual é mem6ria profética de Jesus-Irmao, que disse aos seus seguidores: « E todos vocês sao irmaos » *(Mt* 23,8).2

Esta palavra de Jesus foi-nos transmitida por Mateus num contexto no qual Jesus pronuncia-se contra a hipocrisia de quem usava a religiao para obter privilégios e gloria <liante dos homens. Mas, o valor do «lo­ ghion » vai muito além do contexto imediato. 0 nome de irmao/irma ressalta a dignidade comum e a igualdade fondamental de todos os que creem, filhos no Filho do mesmo Pai celestial (cf. *Mt* 5,45), chamados a

© Copyright 2015 - Libreria Editrice Vaticana 00120 Città del Vaticano

Tel. 06.698.81032 - Fax 06.698.84716

[www.vatican.va](http://www.vatican.va/)

www.libreriaeditriceva ticana.va

1 Ao longo do documento usaremos preferencialmente o termo proposto na Exor­ taçao Apost61ica *Vita consecrata* n. *60: «o religioso irméio»* ou, simplemente, *«o irméio11.* Quando for possivel utilizaremos o termo correspondente no plural, pois o irmao s6 é irmao em meio aos *irméios,* no contexto da fraternidade, nunca solitario. Ser irmao irnplica sempre uma relaçao, e é esta relaçao que gueremos sublinhar.

2 Cf. JOÀO PAULO II, Exortaçao Apost6lica p6s-sinodal *Vita consecrata* (25 de março de 1996), 60.

##### 3



formar uma fraternidade universal em Cristo, o primogênito de muitos irmaos (cf. *Rom* 8,29).

Embora este Documento fale diretamente da vida e da missao do religioso irmao, estamos plenamente conscientes que muitas das ques­ toes agui tratadas, tais como a participaçao no mistério da comunhao e da fraternidade eclesial ou o papel profético de testemunho e serviço, sao aplicaveis tanto para a vida e a missao dos religiosos irmaos como para a vida e missao das mulheres consagradas.

0 religioso irmao e as religiosas, corn a sua participaçao no misté­ rio salvador de Cristo e da Igreja, sao mem6ria permanente para todo o povo cristao da importância do dom total de si mesmo a Deus e de que a missao da Igreja, respeitando as diferentes vocaçoes e ministérios no seu interior, é tinica e compartilhada por todos. Apesar disso, cons­ tatamos que, nem sempre, a vocaçao do religioso irmao e, consequente­ mente, das religiosas, é bem compreendida e valorizada dentro da Igreja. A reflexao que agui oferecemos, nasceu para a judar apreciar a ri­ queza das diversas vocaçoes, especialmente no seio da vida consagrada masculina e corn a finalidade de trazer luz sobre a identidade do religio­

so irmao e sobre o valor e a necessidade <lesta vocaçao.

###### Os destinatdrios

1. Os irmaos ou religiosos leigos, hoje, sao a quinta parte do total de homens religiosos na Igreja. Alguns pertencem a Institutos clericais; outros a Institutos mistos. Outros estao integrados em Institutos leigos, também chamados de Institutos Religiosos de Irmaos,3 cujos membros sao todos, ou a maioria, religiosos leigos. A todos eles se dirige esta reflexao, corn o desejo de que sirva para consolida-los em sua vocaçao.

Dadas as semelhanças entre a vocaçao religiosa feminina e a do reli­ gioso irmao, o que é dito agui sera facilmente aplicavel para as religiosas.

3 Esta ultima é a denominaçào proposta pelo Sinodo sobre a Vida Consagrada (outu­ bro de 1994) e encontrada na Exortaçào Apost6lica *Vita consecrata* n. 60.

4

Este documento é dirigido também aos leigos, aos sacerdotes re­ ligiosos, aos sacerdotes diocesanos, aos Bispos e a todos aqueles que desejam conhecer, apreciar e promover a vocaçao do religioso irmao na Igreja.

###### Um marco referencialpara a nossa rejlexao

1. A Exortaçao Apost6lica *Vita consecrata,* de Sao Joao Paulo II, ser­ ve como um marco de referência para nossa reflexao sobre o religioso irmao e a ela nos remetemos para todas as caracteristicas gerais da vida consagrada, que compoem a sua identidade. Limitamo-nos a propor agui o que é mais especifico ou peculiar <lesta vocaçao, apesar de serem inevitaveis as referências à vida consagrada em geral e, portanto, aos documentos que, desde o Concilio Vaticano II, a tem apresentado no contexto da eclesiologia da comunhao.4

Muitas caracteristicas identificadas anteriormente como pr6prias, corn uma certa exclusividade da vida consagrada, sao hoje consideradas como pertencentes ao tesouro comum da Igreja e propostas a todos os fiéis. Os religiosos hoje tem o desafio de reconhecer que, embora sendo comum a todos, eles as vivem de um modo particular, tornando-se as­ sim em sinal para todos.



###### Estrutura do documento

1. Apresentamos, primeiramente, os religiosos irmaos dentro da Igreja-Comunhao, como parte do tinico Povo dos convocados, nele eles sao chamados a irradiar a riqueza da sua vocaçao pr6pria.

Em continuaçao, e seguindo as três dimensoes corn as quais a Igre­ ja-Comunhao se apresenta a si mesma,5 desenvolveremos a identidade

4 *] OÀO* PAULO II, Exortaçào Apost6lica p6s sinodal *Christifideles laici* (30 de dezembro 1998) 19: « Esta é a ideia central que, no Concilio Vaticano II, a Igreja voltou a propor de si mesma [. . .] A eclesiologia da comunhào é a ideia central e fundamental dos documentos do Concilio ».



5 Cf. *Chnstifideles laici,* 8; 19; 32.

s

do irmao como mistério de comunhao para a missao. No centro desta triplice perspectiva esta o coraçao da identidade do religioso irmao, ou seja: a*fraternidade,* como dom que recebe *(mistério),* dom que compartilha *(comunhào)* e dom que entrega *(missào).*

Finalmente, proporemos algumas pistas para que, em cada parte do nosso mundo, cada comunidade e cada religioso irmao possa dar uma resposta a esta pergunta: como ser irmaos hoje?

6

**1.**

**OS RELIGIOSOS IRMA.OS NA IGREJA-COMUNHÂO**



***«Eu te escolhi como aliança do povo »***

*(Is* 42,6)

###### Um rosto para a aliança

1. A renovaçao realizada pelo Concilio Vaticano II, sob o impulso do Espirito de Pentecostes, iluminou, na Igreja, o micleo central do seu proprio ser, revelado como um mistério de *comunhào.* 6 Esse mistério é o plano divino da *salvaçào da humanidade,7* que se desdobra numa historia de aliança.

A fonte deste mistério nao esta, portanto, na Igreja em si, mas na Trindade, na comunhao do Filho corn o Pai, no dom do Espirito Santo. Esta comunhao é o *modelo, fonte e meta* da comunhao dos cristaos corn Cristo; e dela nasce a comunhao dos cristaos entre si.8

A vida consagrada, que «*esta no coraçao* da *Igrqa como um elemento deci­ sivopara a sua missào )>,9* deve olhar pâra este coraçao a fim de encontrar-se e compreender-se a si mesma. 0 religioso irmao encontra ali o signifi­ cado profundo de sua propria vocaçao. Esta contemplaçao é iluminada pela figura do servo de Javé, descrito por Isaias, a quem Deus disse: «*Eu te escolhi e coloquei como aliança do povo* » *(Is* 42,6). Esta figura adquire seu rosto perfeito em Jesus de Nazaré, que sela corn seu sangue a nova alian­ ça e chama aqueles que crêem n'Ele para continuar a mediaçao confiada ao servo, de *ser a aliança dopovo.*

6 *Christiftdeles laicz* 8; *Vita consecrata,* 41.

7 *Christijideles laici,* 19.

8 Cf. *Christifideles laici,* 18; 19.

9 *Vita consecrata,* 3.

7

A identidade mediadora do Servo de Javé tem um significado pes­ soal, mas também comunitario, pois se refere ao *resto de Israel* o povo messiânico, do qual o Concilio disse: « Constituido por Cristo em ordem à comunhao de vida, de caridade e de verdade, é também por Ele usado como instrumento de redençao universal e é enviado a todo o mundo como a luz do mundo e sal da terra (cf. *Mt* 5,13-16) ».10

0 religioso irmao, sentindo-se parte do povo e de sua missao, vive o chamado à ser mem6ria da aliança, pela sua consagraçao a Deus numa *vidafraterna) em comunidade) para a missào.* 11 Assim, torna mais visivel a co­ munhao que todo o Povo de Deus é chamado a encarnar.

###### Em comunhào com o Povo de Deus

1. Animada pelo Espirito, a Igreja reforça a sua consciência de ser povo de Deus, onde todos têm dignidade igual recebida no Batismo, 12 onde todos têm uma vocaçao comum à santidade13 e sao co-responsaveis pela missao evangelizadora .14 Cada um, segundo sua vocaçao, carisma e ministério, torna-se um sinal para todos os demais.15

Neste Povo de consagrados nasce e se insere a vida consagrada e, dentro dela, a vida religiosa laica corn uma nova e *especial consagraçào* que desenvolve e aprofunda a consagraçao batismal; 16 participa « de uma forma especial na funçao profética de Cristo, comunicada pelo Espirito Santo para todo o Povo de Deus »;17 vive o seu carisma espedfico em relaçao e junto corn os outros carismas eclesiais; integra-se na missao da Igreja e a compartilha corn os demais cristaos.

10 CoNC. EcuM. VATICANO II, Const. dogm. *Lumen gentium,* sobre a Igreja, 9.

1 1 *Vita consecrata,* 72.

12 Cf. *Chnstiftdeles laici,* SS; *Vita consecrata,* 31.

11 Cf. *Chnstiftdeles laici,* 16.

14 Cf. PAULO VI, Exortaçào apost6lica *Evangelii nuntiandi* (8 de dezembro de 1975), 59.

15 Cf. *Christiftdeles laici,* SS.

16 Cf. *Vita consecrata,* 30.

17 *I bid.,* 84.

8

Os religiosos irmaos encontram o seu *habitat* natural neste contexto de comunhao, por sua pertença ao Povo de Deus e também unidos a todos aqueles que, desde a consagraçao religiosa, refl.etem a essência da Igreja, *mistério de comunhào.* Nela, eles mantêm viva *a exigência dafraternida­ de como con.fissào da Trindade.18*

Os laços de comunhao do religioso irmao se estendem além dos limites da Igreja, porque eles sao impulsionados pelo mesmo « carater de universalidade que distingue o Povo de Deus ».19 A vocaçao do irmao é parte da resposta que Deus da ao vazio de fraternidade, que hoje fere o mundo. Na raiz vocacional do irmao ha uma experiência profunda de solidariedade que, em essência, coïncide corn a de Moisés ante a sarça ardente: descobre-se a si mesmo corn os olhos, os ouvidos e o coraçao de Deus, do Deus que *vê a opressào do seu povo) ouve seu clamor, sente suas angûstias e desce para liberta-lo.* Nesta experiência intima, o irmao escuta o chamdo: «*Vaz eu te envio ao Fara6 para quefaças sair do Egito meupovo.*.. *;>* (cf. *Ex* 3, 7-10). Portanto, a dimensao da comunhao esta intimamente liga­ da ao irmao através de uma grande sensibilidade por tudo o que afeta aos menores entre o povo, aos que sao oprimidos por varias formas de injustiça, aos que sao abandonados, aos que estao à margen da historia e do progresso, aos que, em ultima ana.lise, têm menos posibilidades de experimentar a boa noticia do arrior de Deus em suas vidas.



###### Uma mem6ria viva para a conciência eclesial

1. 0 primeiro ministério que os irmaos desenvolvem, na Igreja, enquanto religiosos, é o de « manter viva, nos batizados, a consciência dos valores fundamentais do Evangelho » e « a exigência de responder, corn a santidade de vida, ao amor de Deus derramado nos coraçoes pelo Espirito Santo (cf. *Rm* 5,5) ».20 Todos os outros serviços e ministérios, que as diversas formas de vida consagrada realizam, adquirem sentido e razao de ser a partir deste primeiro ministério.

18 *I bid.,* 41; 46.

19 *Lumen gentium,* 13.

20 *Vita consecrata,* 33; cf. 39.

9

Esta fonçao de ser sinal, reconhecida pelo Concilio Vaticano IF' e repetidamente sublinhada na Exortaçao Apostolica *Vita consecrata,22* é essencial para a vida consagrada e determina sua orientaçao: nao existe

« para si», mas em fonçao da comunidade eclesial.

A propria consagraçao religiosa, que apresenta a vida como um testemunho do *absoluto de Deus 23* ou, também, como um processo de abertura a Deus e aos homens, à luz do Evangelho, é um apelo a todos os fiéis, um convite para que cada um conceba sua vida como um cami­ nho de radicalidade nas diferentes situaçoes e estados de vida, aberta aos dons e às inspiraçoes do Espirito.24

A fraternidade dos religiosos irmaos é um estimulo para toda a Igreja, porque toma presente o valor evangélico das relaçoes fraternas *horizontais* frente à tentaçao do dorninio, da busca do primeiro lugar, do exercicio da autoridade como poder: *«Quanto a vocês, nunca se deixem cha­ mar de mestre, pois um sd é o M estre de vocês, e todos vocês sào irmàos. Na terra, nào chamem a ninguém de Pai,pois um sd* é o Pai *de vocês, aquele que esta no céu. Nào deixem que os outros chamem vocês de lideres, pois um sd é o Lider de vocês: Cristo»* (Mt 23,8-10).

A comunhao apresenta-se, hoje, à Igreja, como um *desafio* especial­ mente corn urgência do novo milênio, para que ela se transforme em *casa e escola de comunhào.* 25 Os irmaos sao habitantes ativos nesta casa e sao, por sua vez, alunos e professores desta escola; por isso fazem sua a urgência que a propria Igreja coloca-se a si mesma, *de implantar epromov er a espiritualidade de comunhao.*26

###### R.edescobrindo o tesouro comum

1. As relaçoes na Igreja-Comunhao sao estabelecidas a partir do que une e nao do que divide. Hoje, estamos recuperando a consciência

21 Cf. *Lumen gentium,* 44.

22 Cf. *Vita consecrata,* 84. Cf. *ibid.,* 15; 21; 25; 26; 27; 42; 51; 80; 92; 105.

23 *Vita consecrata,* 39.

24 Cf. *ibid.,* 84-94.

25 *] OÀO* PAULO II, Carta apostôlica *Novo millennio ineunte* (6 de janeiro de 2001), 43.

26 Cf. *Vita consecrata,* 46, 51; *Novo millennio ineunte,* 43.

10

do patrimônio comum, que é como um grande tesouro que nos faz iguais a todos no que é fondamental, na dignidade e direitos e deveres comuns. Nos todos nascemos para a fé e nos inserimos na Igreja como batizados; neste quadro comum, somos chamados a exercer determi­ nadas fonçoes ao serviço da comunidade eclesial, para viver, de forma significativa ou profética, determinadas caracteristicas que pertencem ao patrimônio comum e a servir à missao comum, a partir dos carismas e ministérios concretos.

Esta dimensao fondamental nunca nos abandona: *os cristàos leigos* vivem-na de maneira explicita num modo de vida laica; aos chamados para o ministério sacerdotal ou à vida consagrada, é uma referência constante que os lembra para quem e em fonçao de quem exercem o seu ministério e sao sinais de consagraçao.

0 religioso irmao, enraizado na base do povo cristao, recebe o tes­ temunho e a ajuda das outras vocaçoes. É chamado a viver plenamente e de modo profético o mistério de Cristo e da Igreja, a partir da vida consagrada, como um serviço a todo o povo de Deus.27

###### Umprqjeto renovado

1. A vida consagrada, predominantemente laica nas suas origens, propoe-se como objetivo fondamental o cultivo do tesouro coletivo cristao, que esta contido e se entrega a todos os fiéis nos sacramentos da iniciaçao. Certamente, realiza-o de uma maneira especial: *buscando a conformaçào com Cristo em seu modo de viver virgem, pobre e obediente.* 28

No decorrer dos séculos, este objetivo, tao essencial à vida consa­ grada, tem corrido o risco de passar para o segundo lugar na vida reli­ giosa masculina, em favor das fonçoes sacerdotais. Para devolver-lhe o seu proprio espaço, o Espirito suscitou, ao longo da historia, fondadores que destacaram o carater laico de suas fondaçoes. Assim aconteceu na vida monastica corn Sao Bento, cujos *irmàos monges* foram os evangeliza-

27 Cf. *Vita consecrata,* 33.

28 Cf. *ibid.,* 16; 31.

11

dores da Europa; e na forma de vida proposta por Sao Francisco, cujos Prades Menores nasceram como uma ordem mista, formada por leigos e sacerdotes. Tanto neste caso como no anterior, a tendência ao sacer­ d6cio foi imposta posteriormente sobre o primeiro projeto fundacional. Nos séculos XVI e XVII, novos fundadores renovam o projeto de vida religiosa laico, desta vez, desenvolvendo-o em comunidades que, além de dar especial relevância à relaçao fraterna entre seus membros, identificam-se e configuram-se corn a necessidade social a que preten­ dem responder. Estabelecem-se e inclusive habitam no interno ou no entorno desta situaçao existencial de necessidade, de pobreza ou de de­ bilidade que evangelizam; e entao, a partir de dentro, encarnam e tor­ nam visivel o amor de Deus salvador. Estas fraternidades consagradas dao origem a institutos religiosos de Irmaos e Irmas. Sao Joao de Deus e Sao Joao Batista de la Salle, como também Santa Angela Mericis e Mary Ward, pelo lado feminino, entre outros, foram instrumentos do Espirito para introduzir, na Igreja, estes novos carismas fundacionais que foram

se multiplicando, especialmente durante o século XIX.

Os religiosos Irmaos, seja em comunidades monasticas, em mostei­ ros, nas comunidades de vida apost6lica ou nas fraternidades que ape­ nas descrevemos, têm ressaltado a dignidade dos serviços e ministérios relacionados às varias necessidades do ser humano. Eles os vivem a partir da unidade de sua consagraçao, fazenda deles o lugar central de sua experiência de Deus e realizando-os corn qualidade e competência.

###### Desenvolvendo o tesouro comum

1. 0 contexto atual da Igreja-Comunhao facilita e reivindica, mais do que nunca, que os religiosos irmaos reafirmem, corn renovado em­ penho, esta funçao original da vida consagrada, nao apenas dentro de suas comunidades, mas em toda a comunidade eclesial. Eles o fazem como fermenta na massa, *como guias especializados da vida espiritual,29* que acompanham fraternalmente aos outros cristaos e os ajudam a desco-

29 *Ibid.,* 55.

12

brir as riquezas da herança crista, ou simplesmente como irmaos que compartilham suas pr6prias descobertas corn outros irmaos em bene­ ficio mûtuo. Ressaltamos alguns aspectas deste tesouro comum que os religiosos irmaos comprometem-se a desenvolver:

* *Vidasacramental.* A consagraçao religiosa esta enraizada no batis­ mo e nos demais sacramentos da iniciaçao. A partir deles, o irmao vive o impulsa filial para corn o Pai, celebra a vida nova recebida do Senhor Ressuscitado, sente-se integrado em Jesus Cristo Sacerdote, Profeta e Rei e se deixa guiar pelo Espirito Santo.
* *Pertença ao Povo de Deus.* 0 irmao afirma sua pertença ao povo dos que creem, inserindo-se de bom grado na Igreja local e em suas estru­ turas de comunhao e de apostolado, em conformidade corn o proprio carisma. Ele também afirma sua pertença a toda a humanidade, corn a qual se solidariza em todas as suas necessidades e especialmente corn seus membros mais fragilizados e vulneraveis : «As alegrias e as esperan­ ças, as tristezas e as angûstias dos homens e mulheres do nosso tempo, especialmente, as dos pobres e daqueles que sofrem... Nao ha nada de verdadeiramente humano que nao encontre eco no coraçao do irmao ».30
* *Integraçaop essoal de laicidade e sacralidade.* 0 irmao une ambas as fa­ cetas em sua pr6pria pessoa. Resgata, assim, a unidade entre o profana e o sagrado, unidade que se torna mais evidente a partir da encarnaçao humana do Filho de Deus.
* *Sinal dapresença de Deus nas realidades seculares.* 0 irmao assume os ministérios eclesiais, comunitariamente, corn seus irmaos na Congre­ gaçao e corn outros cristaos que estao envolvidos no mesmo carisma fundacional. A partir dali, ele busca e sinaliza Deus nas realidades secu­ lares da cultura, da ciência, da saûde humana, do mundo do trabalho, importando-se corn os fracos e desfavorecidos. Simultaneamente, busca e sinaliza para o ser humano, homem e mulher, «*todo inteiro) corpo e alma) coraçao e consciência) inteligência e vontade )>)* convencido de que « é a pessoa

3° CoNCILIO EcuM. VAT. II, Const. Past. *Gaudium et spes,* sobre a Igreja no mundo atual, 1.

13

humana que precisa ser salva. É a sociedade humana que precisa ser renovada ».31

- *VidaJraterna em comunidade.* 0 irmao se desenvolve na comunhao fraterna na vida em comum e a projeta como sua *forma de ser* em seus relacionamentos, fora da comunidade. Apoiando-se na experiência cen­ tral de sua vocaçao, a de sentir-se como Jesus, filho amado do Pai, vive *0 mandamento novo do Senhor* como eixo central de sua vida e como com­ promisso primeiro de sua consagraçao religiosa.

\_ *Um carisma compartilhado.* 0 irmao toma consciência da riqueza contida no seu proprio carisma fundacional, para compartilha-lo corn outros cristaos leigos que poderao vivê-lo a partir de projetos de vida di­ ferentes.32 Ele aceita ser instrumento do Espirito na transmissao do ca­ risma e assume sua responsabilidade de ser mem6ria viva do fundador. Assim, o carisma conserva sua riqueza evangélica para a edificaçao da Igreja, para O bem dos homens e mulheres e para a satisfaçao das neces­

sidades do mundo. 33

Enquanto desenvolve o tesouro comum, o religioso irmao sente-se irmao do povo cristao e escuta no seu interior o apelo do Senhor a seu Servo: « Eu te escolhi como aliança do povo » *(Is* 42,6). Este chamado da sentido a tudo que vive e faz, torna-o profeta no meio seus irmaos e graças a ele vive sua consagraçao numa comunidade missionaria e

evangelizadora.

###### Irmao: uma expen"ência crista das origens

1. «Aos cristaos de todas as comunidades do mundo, quero pe­ dir especialmente um testemunho de comunhao fraterna que se tome atraente e radiante. Que todos possam admirar como vocês cuidam uns dos outros, como vocês se ap6iam mutuamente e como vocês se rela-

31 *I bid.,* 3.

32 Cf. CoNGREGAÇÀO PARA os INSTJTUTOS DE VmA CoNSAGRA DA E SoCIEDADES DE VmA APOSTÔLICA , Instruçào *Partir de Cristo* (19 de maio de 2002), 31.

33 Cf. *Christifideles laici,* 24.

14

###### cionam: "Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerao que

*vocês sao meus discipulos" (Jo* 13,35) ».34 0 apelo do Papa Francisco a todo o povo cristao destaca o lugar especial que a*fraternidad e* tem no conjunto

do tesouro comum cristao. É a pérola que os religiosos irmaos cultivam corn um cuidado especial. Desta forma sao, para a comunidade eclesial, mem6ria profética de sua origem e estimulo para retornar a ele.

Os Atos dos Ap6stolos apresentam a Igreja emergente como uma comunidade de disdpulos, cuja missao é a de anunciar a salvaçao e de ser testemunhas de Cristo Ressuscitado, e cuja força encontram na Pa­ lavra, na fraçao do pao, na oraçao e em ser irmaos uns dos outros. Os disdpulos sao irmaos; Este é o sinal de que eles sao disdpulos de Jesus. Mas, eles sao irmaos nao tanto por uma escolha pessoal, senao porque eles foram *convocados.* Eles sao reunidos antes de serem enviados.

A fraternidade é uma fonte de força para a missao. Mas depende de uma outra força: a do Espirito Santo. Sobre os irmaos reunidos, e,m ora­ çao, vem o Espirito no dia de Pentecostes e os encoraja a dar testemu­ nho *(Atos* 2,l ss.). Sobre os irmaos reunidos, de novo em oraçao, apoian­ do-se mutuamente, ap6s a prisao e a libertaçao de Pedro e Joao, vem o Espirito e os plenifica de força para proclamar a Palavra de Deus corn ousadia *(Atos* 4,23ss.). A narrativa dos Atos dos Ap6stolos nos mostra como a Comunidade dos disdpulos vai, progresivamente, tornando-se consciente de que *a fraternidade e a missao requerem-se mutuamente,* e que ambas sao desenvolvidas por impulso ou exigência do Espirito. Este é o dinamismo que se estabelece: o cultivo da fraternidade cria maior cons­ ciência da missao e o desenvolvimento da missao produz fraternidade.

Corn renovado empenho, o Espirito Santo resgata e renova essa mensagem na Igreja, especialmente a partir do referencial da vida con­ sagrada. Por isso, suscita a presença de religiosos irmaos no interior das Congregaçoes clericais. Esta presença é importante, nao s6 pela sua contribuiçao para a satisfaçao das necessidades materiais ou outras, mas acima de tudo porque em tais congregaçoes sao a mem6ria permanente

34 PA PA FRANCISCO, Exortaçào Apostolica *Evangeliigaudium* (24 de novernbro de 2013),

99.

15

da *«dimensao fundamental da fraternidade em Cristo)>,35* que todos os seus membros devem construit. Pela mesma razào, o Espirito também sus­ cita os Institutos religiosos de Irmàos, juntamente corn os das Irmàs: todos eles evocam permanentemente, na Igreja, o valor supremo da fraternidade e da entrega gratuita como expressoes eminentes da comu­ nhào.

0 nome de «irmàos » designa positivamente o que estes religiosos assumem como missào fondamental de sua vida: « Estes religiosos sào chamados a ser irmàos de Cristo, profundamente unidos a Ele, *primo­ gênito entre muitos irmaos (Rm* 8,29);» irmàos entre si pelo amor mutuo e pela cooperaçào para servir ao bem da Igreja; irmàos de todo homem e . mulher pelo testemunho da caridade de Cristo para corn todos, especial­ mente, para corn os menores, os mais necessitados; irmàos para fazer que reine na Igreja a fraternidade maiorn.36

35 *Vila consecrata,* 60.

36 *Vita consecrata,* 60, citando o discurso de Sào Joào Paulo II na Audiência Gera!de 22 de fevereiro de 1995.

16

## 2.

#### A IDENTIDADE DO RELIGIOSO IRMÂO

***Um mistério de comunhâo para a missâo***

###### M emrJria do amor de Cristo: «O mesmo devemfazer vocês... )> (]o 13,14-15)

1. Para aprofundar a identidade do Irmào, nos nos deixaremos iluminar interiormente pela contemplaçào de um dos icones mais su­ gestivos dos quatro Evangelhos :Jesus lavando os pés de seus disdpulos. A narrativa oferecida pelo Evangelista Joào, no j antar de Quinta­

-feira Santa, começa corn esta declaraçào solene e cativante: «*E Ele,*

*que tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim )> (]o* 13,1). A ultima Ceia de Jesus corn seus disdpulos acontece numa atmosfera de *testamento:* Jesus compromete os seus disdpulos e, através deles, a Igreja inteira, a continuar a *obra de salvaçao,* que atinge o sua culminância na morte de Jesus na cruz. Obra que havia desenvolvido durante sua vida, tal como se reflete na resposta aos disdpulos de Joào: «*Voltem e contem a Joao o que vocês viram e ouviram: os cegos recuperam a vista, osparaliticos andam, os leprosos sao purificados , os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres* é anunciada a *mensagem de salvaçao )> (Le* 7,22).

A Igreja sente-se, portanto, constituida em povo *ministerial* por mandata de Jesus. Os evangelistas representam a instituiçào do ministé­ rio eclesial através de dois icones. Os très sin6ticos, escolhem o icone de Jesus partindo e entregando o seu Corpo e seu Sangue a seus disdpulos, no momento em que lhes ordena: «*Façam isso em memrJria de mim*» *(Le* 22, 19). Por outro lado, o Evangelho de Joào nos apresenta o icone de Jesus corn a toalha cingida na cintura e lavando os pés dos seus disdpulos para depois lhes ordenar: «*Vocês devemfazer uns aos outros a mesma coisa que eufiz com vocês* » *(]o* 13,14-15).

Na consciência da Igreja, é à luz do icone do lava-pés que o ou­ tra icone em que Jesus reparte seu Corpo e seu Sangue adquire todo

17

seu sentido. Ou seja, o mandamento do amor fraterno nos da a chave fondamental para compreender o significado da Eucaristia na Igreja. Assim, ele é refletido na liturgia da Quinta-feira Santa.

Este testamento, que a Igreja recebe de Jesus, refere-se a dois aspec­ tos ou dimensoes do *ministério da sa!vaçào* que se desenvolve, na Igreja, através de va.rios ministérios particulares. Por um lado, corn o sacerd6- cio ministerial, instituido por um sacramento espedfico, a Igreja garante sua fidelidade à mem6ria da entrega de Jesus, sua morte e ressurreiçào e a atualiza pela Eucaristia. Por outro lado, o proprio Espirito Santo reanima, entre os fiéis, a lembrança de Jesus na atitude do servidor e na urgência de seu mandato: *«...e todos reconhecerào que vocês sào meus discpi u!os)> (]o* 13, 35).

Por isso sào despertados entre os fiéis numerosos carismas para desenvolver a comunhào pelo serviço fraterno. Desta forma, a salvaçào chega aos mais desfavorecidos: para que os cegos vejam, o coxos an­ dem, os prisioneiros sejam libertados; e para educar a juventude, cuidar dos doentes, atender aos idosos... o amor fraterno concretiza-se, assim, em muitos serviços, muitos dos quais se institucionalizam ou sào reco­ nhecidos c-omo ministérios eclesiais.37

A vida consagrada surge, na Igreja, em resposta a esse apelo do Espirito para manter fielmente a mem6ria do amor de Cristo, *que amou os seus até ao extremo.*38 Sào muitas as formas que esta resposta adota, mas na base esta sempre a opçào « do dom de si mesmo por amor ao Senhor Jesus e, n'Ele, cada membro da familia humana ».39

A vocaçào e a identidade do religioso irmào adquirem significado nesta dinâmica, que é ao mesmo tempo integradora e complementar para os diversos ministérios, mas também necessitada e promotora de sinais proféticos.

37 Cf. *Vita consecrata,* 60; *Novo millennio ineunte ,* 46.

38 Cf. *Vita Consecrata,* 75.

39 *I bid.,* 3.

18

1. **0 MISTÉRIO:**

**A FRATERNIDADE, DOM QUE RECEBEMOS**

###### Testemunha e mediador: «N ôs acreditamos no amor de Deus )>

1. 0 que ha na origem da vocaçào do irmào, senào a experiência do amor de Deus? « N6s reconhecemos o amor que Deus tem por n6s e acreditamos nesse amor» (1*Jo* 4,16). Essa é também a origem de toda vocaçào crista. « Nào começamos a ser cristàos por uma decisào ética ou por uma grande idéia, mas pelo encontro corn um acontecimento, corn uma pessoa, que da um novo horizonte à vida e, através dele, uma orientaçào decisiva ».40

A opçào radical que o Antigo Testamento propoe ao povo de Israel e a cada israelita, em particular, situa-se neste contexto do encontro da pessoa que crê corn Deus, de um Deus que vem ao encontro do Povo, que fez corn ele a aliança. Trata-se de uma consagraçào total da vida:

*«Amaras o Senhor teu Deus com todo o teu coraçào, com toda a alma, com todas as tuasforças)>* (Dt 6,4-S).Jesus reafirma esta exigência, mas vincula-a a esta outra: *«Amaras* o pr6ximo como a *ti mesmo)> (Lv* 19,18). Dai em <liante, ambos os mandamentos tornar-se-ào um e indivisivel (cf. *M c* 12,29-31).

« E, uma vez que Deus é quem primeiro nos amou (cf. *1Jo* 4,10), agora

o amor ja nào é apenas um «mandamento», mas a resposta ao dom do amor, corn o qual vem ao nosso encontro ».41

A vocaçào do irmào nào é apenas a de ser destinatario do amor de Deus, mas também a de ser testemunha e mediaçào desse mesmo dom, do projeto de comunhào que Deus tem sobre a humanidade e que se fundamenta na comunhào trinitaria. Tal projeto, o Mistério que foi revelado a n6s em Cristo, visa estabelecer uma relaçào horizontal entre Deus e a humanidade, no interior da pr6pria humanidade, ali onde Deus quis habitar.

40 BENTO XVI, Carta encîclica *Deus Caritas est,* (25 de dezembro de 2005), 1.

41 *I bid.*

19

As relaçoes de filiaçào tornam-se, assim, simultaneamente, rela­ çoes de fraternidade. For isso, dizer «irmào » é o mesmo que dizer

« mediador do amor de Deus,» do Deus que «*amou de talforma o mundo que) entregou o seu Filho unico) para que todos os que crêem nele tenham a vida eterna» (]o* 3,16).

Ser «irmào » é também ser mediador do amor do Filho, o Mediador por excelência, que «*levou seu amor até oftm )> (]o* 13,1) e pediu-nos que nos amemos uns aos outros como Ele nos ama *(]o* 13,34). 0 irmào nào pode fugir deste mundo que Deus ama tanto; pelo contrario, é impulsiona­ do a ir ao seu encontro e a ama-lo. Ao contemplar a obra salvadora de Deus, o irmào descobre a si mesmo como um instrumento, que Deus quer usar para tornar mais visivel a sua aliança, o seu amor e a sua preo­ cupaçào para corn os mais fracos.

0 irmào esta ciente de que toda a criaçào esta impreganada corn o amor e a presença de Deus e que, em especial, quando se refere à pessoa humana, faz parte do plano salvifico de Deus. Assim nasce, no irmào e na comunidade de irmàos, o compromisso pela qualidade de seu serviço profissional em tudo o que faz, por mais profano que pareça ser.

###### Consagrado pelo Espirito

1. Nada ha de maior que a consagraçào batismal. 0 Batismo «nos regenera à vida dos filhos de Deus; nos une a Jesus Cristo e seu Corpo que é a Igreja; nos unge no Espirito Santo, tornando-nos templos espiri­

42

de formas diversas e corn ela se compromete, até o extremo, pela encar­ naçào do Filho. Esta histôria da salvaçào continua, graças ao Espirito que se une à Igreja e a edifica corn seus dons para continuar salvando a humanidade.

Nessa grande histôria participamos todos, pois «Deus chama a cada um em Cristo pelo seu nome prôprio e inconfundivel». 43 Cada um intervém, ativamente, e sua influência sobre os outros é decisiva. A cada um, como membro da Igreja, *«foi conftada uma tarifa origina4 insubstitufvel e nào-delegave4 que deve ser realizadapara o bem de todos)>.*44 Cada um, graças à unçào recebida no Batismo e na Confirmaçào, podera repetir as palavras de Jesus: «O *Espirito do Senhor esta sobre mim/ Ele me ungiu para evangelizar ospobre.ry enviou-me para proclamar a libertaçào aos cativos e a recuperaçào da vista aos cego.ry para pôr em liberdade os oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhon>* (Le 4,18-19). Desta forma, « o batizado participa na mesma missào de Jesus, o Cristo, o Messias Salvador ».45

###### Compromissopublico: tornar hqje visfvel o rosto de Jesus-irmào

1. Nesta histôria pessoal que começa no Batismo, insere-se e en­ contra-se o pleno sentido da consagraçào religiosa. Isto é, « um original e fecundo aprofundamento» da consagraçào batismal, na medida em que exprime uma vocaçào, que implica «um dom espedfico do Espfrito Santo».46 Este dom é experimentado como um impulso para proclamar,

corn a prôpria vida, diante da comunidade eclesial e do mundo, o que

tuais ».

Toda a existência do cristào deve ser um processo de integraçào

Jesus anunciou na sinagoga de Nazaré: «*Hqje se cumpriu esta passagem da*

no plano de comunhào pelo batismo, assumindo os seus compromissos

batismais de acordo corn a vocaçào que recebeu de Deus.

A frase anterior corre o risco de nào ser entendida se a lermos à margem do grande relato da histôria da salvaçào, da qual vem a vida e que, graças ao Batismo, o cristào encontra um lugar prôprio e in­ substituivel. Esta histôria conta como a Trindade projeta sua prôpria comunhào na missào de salvaçào da humanidade, como tenta a aliança

42 *Christifideles !aici,* 10.

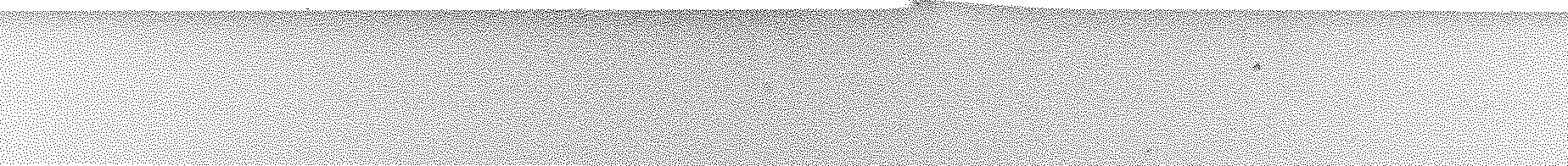
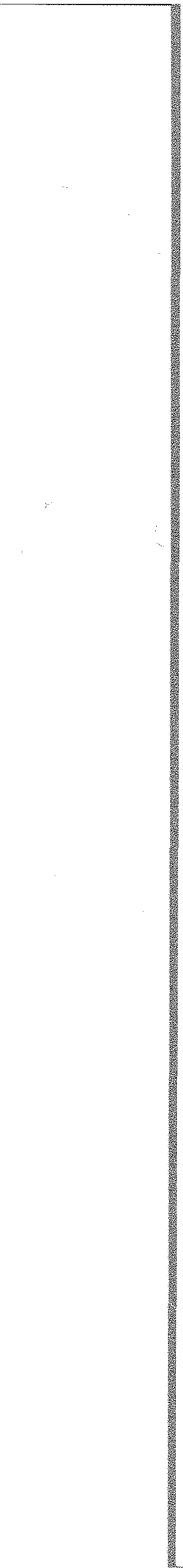
*Escritura) que vocês acabam de ouvin>* (Le 4,21). Este impulso, que caracte­ riza a vida do profeta, é acompanhado de um convite sentido interior­ mente, para expressar corn o celibato voluntario, abraçado por amor e vivido em comunidade fraterna, a novidade do mundo revelado em

43 *lhid.,* 28.

44 *Ihid.*

45 *Ihid.,* 13.

46 *Vita consecrata,* 30.



20 21

Jesus Cristo, a fecundidade de sua aliança corn a Igreja, muito além da carne e do sangue.

Cada consagraçào religiosa manifesta aos fiéis que o mistério de Cristo, o Salvador, *se realiza hqje e aqui,* neste mundo, e por meio da Igre­ ja de hoje. Em cada tempo e lugar, as pessoas consagradas revelam aos seus contemporâneos os traços de Jesus, corn os quais ele mesmo ob­ servou que o mistério do Reino de Deus tinha irrompido na historia. A visibilidade produz-se por um tipo de presença que descobre o carisma de cada familia consagrada *no aqui e agora.* Por isso, as pessoas consagra­ das freqüentemente perguntam-se: como ser testemunhas do Senhor hoje? Que tipo de presença temos que assumir para que o Senhor Jesus possa ser visto, *sentidoJ* notado pelas pessoas de hoje?

A vida consagrada é chamada para ser « mem6ria viva do modo de ser e de agir de Jesus, como Verbo encarnado, ante o Pai e ante os irmàos.47 Em especial, o religioso irmào, como a religiosa irmà, tornam visivel, na Igreja, o rosto de Cristo irmào, « *o primogênito entre muitos ir­ màos* » (Rm 8,29), o artifice de uma fraternidade nova instaurada corn seus ensinamentos e sua vida.

###### Exercicio do sacerdôcio batismal

1. 0 Concilio Vaticano II pôs em evidência a riqueza do Batismo e a grandeza do sacerd6cio comum a todos os batizados. Tem sinalizado a relaçào mu.tua entre o sacerd6cio batismal e o sacerd6cio ministerial, e tem lembrado que este ultimo est:i radicalmente ordenado a todos os fiéis. 48

0 religioso irmào, ao viver sua condiçào laica, mediante uma consa­ graçào especial, é testemunha do valor do sacerd6cio comum, recebido no Batismo e na Confirmaçào: «*Tornou-nos um reino de sacerdotes para seu Deus e PaiJJ (Ap* 1,5-6). Sua consagraçào religiosa é por si s6 um exerd­ cio em plenitude do sacerd6cio universal dos batizados. 0 ato essencial

17 *Ibid.,* 22.

<leste sacerd6cio consiste na oferta do sacrificio espiritual pelo qual, o cristào, se entrega a Deus *como sacrfitcio vivo e agradavel* (Rm 12,1), em res­ posta ao seu amor e para procurar a sua gloria.

0 irmào vive a comunhào corn o Pai, fonte de toda a vida, pela oferta total da sua existência a Ele, numa atitude de louvor e adoraçào. 0 irmào, ao enraizar profundamente sua vida em Deus, *consagra* toda a criaçào, reconhecendo a presença de Deus e a açào do Espirito nas criaturas, na cultura, nos acontecimentos. E, porque reconhece essa pre­ sença ativa, pode anunci:i-la para seus contemporâneos. Esta capacidade é fruto de um processo permanente de abertura a Deus pela sua consa­ graçào, ou seja, da vivência di:iria de seu sacerd6cio batismal.

###### Semelhante em tudo aos seus irmàos

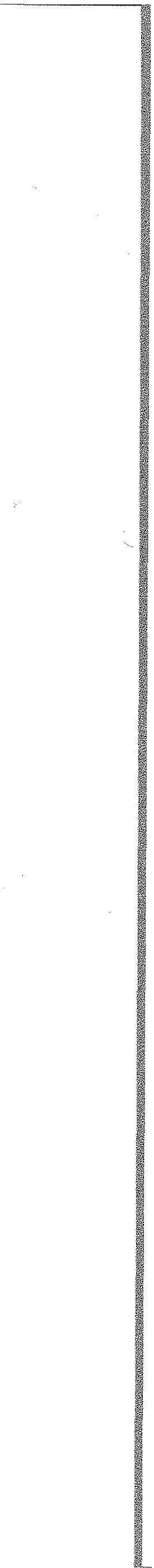
1. A consagraçào religiosa ajuda o irmào a participar, mais cons­ cientemente, na dimensào fraterna que caracteriza o sacerd6cio de Cris­ to. Ele «*Teve que se tornar semelhante em tudo a seus irmàosJ para se tornar um sacerdote misericordioso e fiel» (Hb* 2,17-18). Para revestir-nos de sua filiaçào divina,Jesus Cristo tornou-se primeiramente irmào, compartilhou nossa carne e sangue, tornou-se solid:irio corn os sofrimentos de seus irmàos. Irmào é o titulo que Jesus d:i aos seus disdpulos ap6s sua ressurreiçào, e Maria Magdalena é a encarregada de anunciar: «V:i dizer aos meus irmàos: *Subopara junto do meu PaiJ que é Pai de vocês...J> Uo* 20,17).

Na Comunidade fraterna que o acolhe, o religioso irmào, experien­ cia o mistério de Jesus ressuscitado como anuncio e envio. Esta comu­ nidade é um espaço teol6gico,49 onde Jesus se faz presente no meio dos

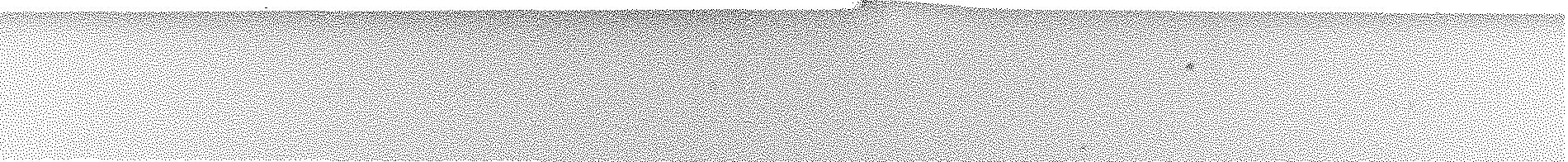
irmàos (cf. Mt 18,20) para reuni-los num s6 coraçào, para dar-lhes o seu Espirito (cf. *Jo* 20,22) e envia-los, como Maria Magdalena, a anunciar

que, em Cristo, todos somos irmàos, filhos do mesmo Pai. Corn base nessa experiência, o irmào desenvolve o sacerd6cio batismal pela frater­ nidade, sendo através dela a ponte de uniào entre Deus e seus irmàos, ungido e enviado pelo Espirito para trazer a Boa Noticia do amor e da

48 Cf. *Christifideles laici,* 22; cf. *Lumen gentium,* 1O. 49 Cf. *Vita consecrata,* 42.



22 23



miseric6rdia de Deus a todos e, especialrnente, para os menores de seus irmâos, para os membros mais fracos da humanidade.

**O** religioso irmâo, como o leigo comprometido na sociedade secu­ lar, vivem o sacerd6cio universal segundo diferentes modalidades. Am­ bos expressam a complexa riqueza <leste sacerd6cio que implica a pro­ ximidade corn Deus e a proximidade corn o mundo, a pertença à Igreja como serva do Senhor, e à Igreja que é construida a partir do mundo, e é destinado a Deus. **0** leigo comprometido corn o mundo recorda ao religioso irmâo, que ele nâo pode ser indiferente à salvaçâo da huma­ nidade, nem ao progresso na terra, querido por Deus e ordenado por Cristo. **0** irmâo recorda ao leigo comprometido na sociedade secular que o progresso na terra nâo é o objetivo final, que « *a ediftcaçâo da cidade terrena* é sempre fundada em Deus e *se dirige a Ele) para que nâo trabalhem em vâo os que a ediftcam* ».50

###### Aproftssâo: uma consagraçâo ûnica) expressa em votos diversos

1. A oferta de si toma-se publica e é recebida pela Igreja através da profissâo dos votos. A consagraçâo precede os votos, abarca-os e os supera existencialmente. Esta declaraçâo compreenderemos à luz do que serâ abordado em seguida.

Para responder à açâo morosa de Deus que a *consagra,* a pessoa

consagrada oferece-se a Deus pela profissâo religiosa: faz a oferta, em primeiro lugar, da pr6pria vida, para tomâ-la sinal do primado de Deus, de uma vida inteira para Ele, da aliança, do amor de Deus por seu Povo. É o compromisso do amor como a orientaçâo fondamental da vida. É o vinculo da fraternidade como resposta ao dom da filiaçâo, recebida de Deus em seu Filho, Jesus Cristo.

Esta consagraçâo, que unifica e integra a vida, compromete a pes­ soa a viver o *aqui e agora,* de cada dia, o sacrificio de si mesmo em to­ das as dimensôes no concreto sua existência. Neste dinamismo integra-

50 *Lumen gentium,* 46.

24

dor, os votos adquirem sentido como modo de abarcar, corn diferentes nuances, a totalidade da existência.

Na historia da vida consagrada a profissâo religiosa publica tem sido explicitada de vârias formas, mas a partir do século XIII foi se tor­ nando comum a tendência de expressâ-la através dos conselhos evan­ gélicos, que ressaltam a intençâo de *coeformar com Cristo) toda a existência,51* em très dimensôes essenciais: castidade, pobreza e obediência.

0 religioso irmâo expressa a sua consagraçâo pela profissâo dos conselhos evangélicos, à medida que indica a unidade da vida e a sua conformidade corn Cristo, a partir do eixo central do Evangelho, o mandamento do amor a Deus e ao pr6ximo. Ele vive a castidade, espe­ cialrnente, como a experiência do amor de Deus, pelo qual sente-se im­ pulsionado a um amor universal e a tornar-se promotor de comunhâo, corn o testemunho de sua fraternidade. 52 Ele vive sua pobreza como quem recebeu gratuitamente, na pessoa de Jesus, a pérola preciosa do Reino de Deus; por isso, toma-se disponivel para construir a fraterni­ dade e servir, na caridade, a todos, especialmente, os mais pobres; essa pobreza faz corn que os irmâos abram-se uns aos outros e sintam que necessitam uns dos outros. Ele vive a obediência, de modo especial, como busca em comum da vontade do Pai na fratemidade, animada pelo Espirito, corn a disposiçâo de caminhar junto em uniâo de espirito e coraçâo53 e aceitando, corn alegria, as mediaçôes humanas indicadas pela Regra do Instituto.54

Os votos expressam, portanto, o compromisso do irmâo de viver o mistério de Deus, do qual foi constituido, juntamente corn seus irmâos, *sinal e prefecia* para a comunidade eclesial e para o mundo55: mistério de amor, de aliança, de fratemidade.

51 Cf. *Vita consecrata,* 16.

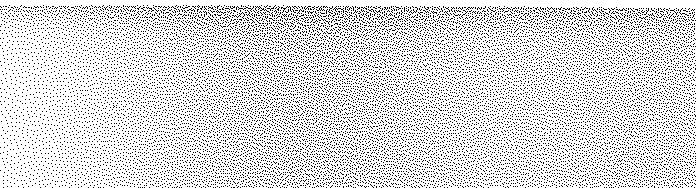
52 Cf. *Ibid.,* 46; 51.

53 Cf. *Ibid.,* 92.

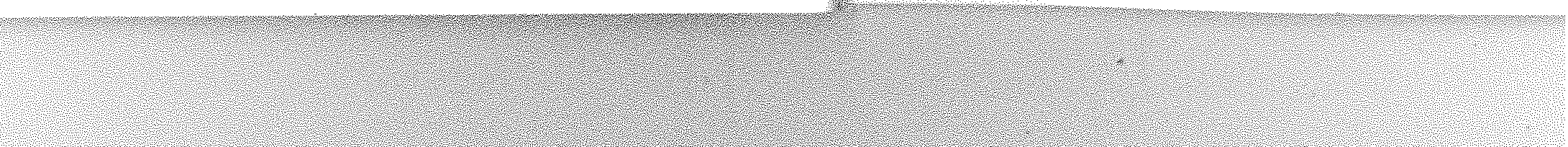
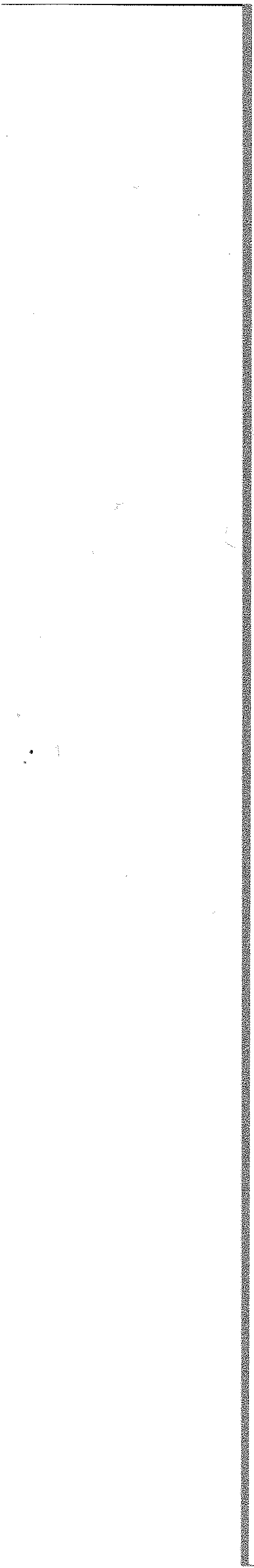
54 CoNGREGAÇÀO PARA os INSTITUTOS DE VIDA CoNSAGRADA E AS SoCIEDADES DE VIDA APOSTÔLlCA, Instruçào O *serviço da autoridade e da obediencia* (11 de maio de 2008), 9.

55 Cf. *Vita consecmta,* 15.

##### 25

###### Uma espiritualidade encarnada e uniftcadora



1. A dirnensao profética é parte essencial da identidade do con­ sagrado e se desenvolve, ern prirneiro lugar, através da escuta. Assirn corno a experirnenta o servo de Javé: «Toda rnanha ele faz rneus ouvi­ dos ficarern atentos para que eu possa ouvir corno discipulo» *(Is* 50,4). Sornente a experiência de estar enraizado ern Deus e irnbuido de sua Palavra, pode garantir a vivência <lesta dirnensao, na açao apostôlica, porque a *«verdadeira prefecia nasce de Deus) da amizade com Ele) da escuta atenta de sua Palavra nas diferentes circunstâncias da historia».* 56 A capacidade de 1er os sinais dos tempos para captar, através deles, o apelo de Deus para trabalhar de acordo corn seus planos,57 para perceber a presença de Deus nas pessoas e especialrnente nos pobres, é fruto do cultivo da con­ ternplaçao, que nos ajuda a ver as coisas e as pessoas corno Deus as vê. A espiritualidade do irrnao deve leva-lo a reviver de urn rnodo es­ pecial a experiência crista das origens, que o evangelista Mateus expres­ sou sirnbolicarnente: *«A cortina do santuario rasgou-se» (Mt* 27,51). Esta irnagern sugere que Jesus, corn sua morte, *« abriu um caminho novopara nos e vive atrpés do véu da sua propria humanidade»* (Hb *10,20))* para que possa­ rnos nos encontrar corn o Pai. A presença de Deus ja nao é, exclusiva­ rnente, de urn «lugar sagrado »; a partir de entao, *«a Deus) devemos adorar*

###### em espirito e em verdade » (Jo 4,24).

0 irrnao é charnado para viver esta espiritualidade encarnada e uni­ ficadora, que facilita o encontro corn Deus, nao sornente pela escuta da Palavra, nos sacrarnentos, na liturgia, na oraçao, rnas tarnbérn na realida­ de cotidiana, ern todas as tarefas, na histôria do rnundo, no projeto tern­ porario da hurnanidade, na realidade rnaterial, no trabalho e na técnica. Tal espiritualidade é baseada nurna visao profunda da unidade do pro­ jeto de Deus: é o rnesrno Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, quern criou o rnundo e quern o salva. Trata-se de levar toda a vida à oraçao e que a oraçao continue na vida.

*56 Ibid.,* 84.

57 Cf. *Ibid.,* 73.

# 26

Os religiosos irrnaos conciliam a oraçao oficial da Igreja corn a di­ rnensao do serviço que caracteriza sua vida consagrada. Eles cultivarn urna atitude contemplativa capaz de vislurnbrar a presença de Jesus ern sua histôria, na vida quotidiana, em seus afazeres e compromissos, para corn Ele poder exclamar: «*Eu te bendigo) Pai .* .. *porque revelaste estas coisas aos simples...»* (Le 10,21).

###### Uma espiritualidade da Palavrapara viver o 1Vlistério «em casa») com Maria

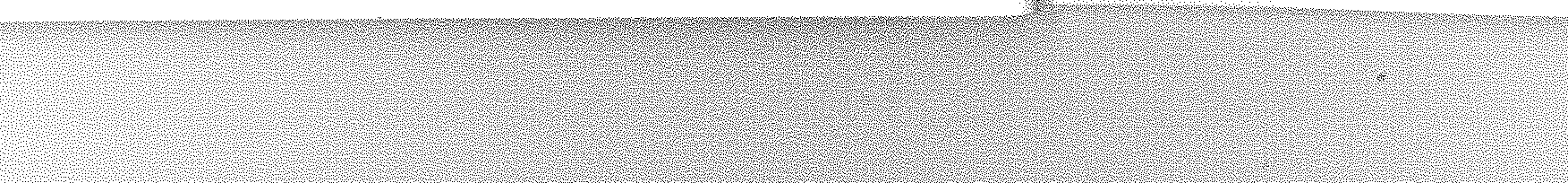
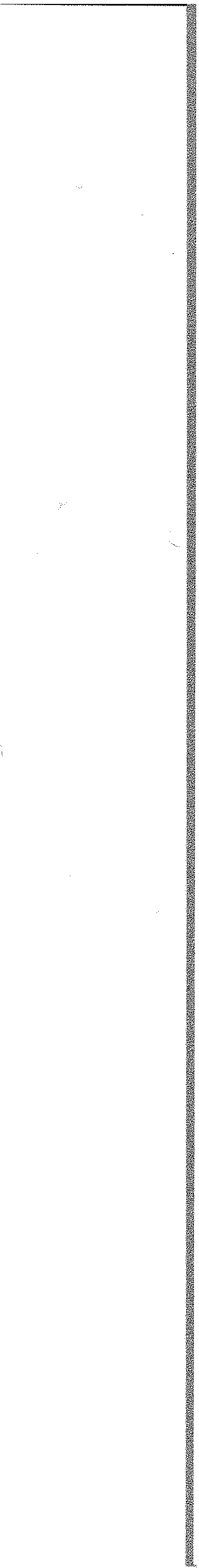
1. Os très evangelhos sinôticos narram, brevernente, uma cena ern que Jesus estabelece urna clara diferença entre «*sua mae e seus irmaos* » segundo a carne e, «*sua mae e seus irmaos que ouvem a palavra de Deus e a praticam» (Le* 8,21). No relato, Jesus pronuncia-se claramente em fa­ vor <lestes ûltirnos. Os primeiros estao fora de casa, os charna a partir de fora; os segundos estao perto d'Ele, dentro de casa, escutando-o. É nesta nova categoria de relacionarnento farniliar, estabelecido por Jesus, que Maria encontra sua verdadeira grandeza e significado profundo para a comunidade crista. Sao Lucas nos diz que ela *«guardava tudo noprefundo do seu coraçao) meditando sobre isso continuamente» (Le* 2,19.51). Maria acolhe e vive de modo profundo o mistério do amor de Deus até tornar-se sua carne. Ela é o elo de uniao na cornunidade nascente de irrnaos, que a acompanha, na qual esta integrada como rnae e irma; e nesta fraternida­ de orante recebe o Espirito. (cf. *Atos* 1,14; 2, 1-4).

Corno Maria, o religioso irmao é convidado a viver intensamente a espiritualidade da Palavra, a ter essa experiência de *estar em casa,* ern tor­ no deJesus, escutando sua mensagem e a viver ao seu lado o mistério do Pai que nos toma filhos no Filho e irrnaos entre nôs e corn Jesus.

Corno Maria, o irmao é convidado a deixar-se plenificar pelo Espi­ rito, a escuta-lo dentro de si, que clama no rnais profundo do coraçao: *Abba! (Gal* 4,6; *Rom* 8,15). Esta experiência é a ûnica que pode sustentar a sua vocaçao.

Apoiado e inspirado ern Maria, o irmao vive em sua comunidade, a experiência do Pai que reûne os irmaos corn seu Filho ao redor da mesa da Palavra, da Eucaristia e da vida. Corn Maria, o irmao canta a

27



grandeza de Deus e proclama a sua salvaçao: por isso sente-se impelido a procurar e fazer sentar-se à mesa do Reino os que nao têm o que co­ rner, os excluidos da sociedade e os marginalizados do progresso. Esta é a Eucaristia da vida que o irmao é convidado a celebrar a partir do seu sacerdôcio batismal, reafirmado por sua consagraçao religiosa.

II. A COMUNHÂO:

A FRATERNIDADE, DOM QUE CONDIVIDIMOS

###### Do dom que recebemos ao dom que compartilhamos: «Que s(jam um para que o mundo creia» (]o 17,21)

1. 0 mistério da comunhao da prôpria vida interior que a Trinda­ de nos comunica é dom compartilhado pelos irmaos na comunidade. 0 dom recebido e compartilhado sera também entregue na missao.

0 alicerce que mantém a comunidade religiosa é, acima de tudo, o dom da fraternidade que foi recebido, antes do empenho ou da ge­ nerosidade de seus membros ou da tarefa que realizam. « Quando se esquece"essa dimensao mistica e teolôgica, que a coloca em contato corn o mistério da comunhao divina, presente e comunicada à comunidade, chega-se, inevitavelmente, a perder, também, as razoes profundas para tornar-se *comunidade,* para a paciente construçao da vida fraterna ».58

A comunidade dos irmaos expressa, assim, o carater universal da fraternidade inaugurada por Cristo, porque ela nao se apoia em laços naturais, mas sobre a força do Espirito Santo, prindpio vivo do amor entre os seres humanos. A vida comunitaria autêntica constitui-se um sinal vivo da realidade essencial que os irmaos anunciam. 0 amor que Deus tem mostrado à humanidade em Jesus Cristo torna-se prindpio de uniao dos seres humanos entre si: *<< que sf!fam um para que o mundo creia» (]o* 17,21). Construida sobre a base da fé, a comunidade exerce o

58 CoNGREGAÇAO PARA os INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SocmDADES DE VIDA

APOSTÔLICA, Instruçào *A vidafraterna em comunidade* (2 de fevereiro de 1994), 12.

# 28

ministério de revelar o amor de Deus Trindade, através da comunhao que nela reina.

A consagraçao e a missao permanecem unidas na Comunidade. Na

comunidade, reunida em nome de Jesus, o irmao experiencia o mistério de Deus: o amor do Pai, a vida de Jesus Ressuscitado, a comunhao do Espirito Santo. 0 Senhor consagra o irmao na comunidade e dela o envia a comunicar esse mesmo mistério: o amor, a vida, a comunhao.

###### Comunidade que desenvolve o sacerdôcio batismal

1. A comunidade dos irmaos é em si mesma uma manifestaçao privilegiada do sacerdôcio batismal. Toda ela se organiza para facilitar que seus membros vivam a experiência de ser eleito pelo Senhor «*como pedras vivas, utilizadas na construçào de um edificio espiritua para um sacerdôcio santo,para eferecer sacnftcios espirituais, agradâveis a Deus através da mediaçào de Jesus Cristo)> ( 1 Pe* 2,5). A imagem da primeira carta de Sao Pedro nos da a ideia do dinamismo de um edificio em construçao. É muito apropriada para se referir a uma comunidade religiosa de irmaos chamada a desen­ volver a dimensao do seu sacerdôcio comum.

A Comunidade organiza sua vida para ver passar a açao de Deus através de sua agenda diaria e, descobrir em suas paginas, a histôria da salvaçao que vai se realizando a cada dia. Na mesma contemplaçao, a comunidade se descobre a si mesma como mediadora na açao salvifica de Deus. Agradece, celebra e se oferece para continuar, como um ins­ trumento ûtil, a histôria da salvaçao.

A matéria da oferta sacerdotal da comunidade, é a realidade prôpria dos irmaos, corn as limitaçoes, pobrezas e fraquezas de cada um. Os ir­ màos constroem a comunidade a partir do dom alegre de si mesmos. É uma experiência eucaristica, pela qual se unem a Cristo em sua oferta ao Pai, para continuar a sua obra redentora através da comunidade. Nesta celebraçào da vida, nao pode faltar o perdao entre os irmaos, nao apenas como uma exigência do amor e condiçao para construir a comunidade, mas como uma expressao do sacerdôcio batismal. Eles se tornam, as-

# 29

sim, mediadores, de uns para os outros, da graça e do perdao que vêm de Jesus ressuscitado (cf. *Jo* 20,22-23).

###### Fraternidade ministeriaL- «fonte efruto da missào J>

1. *«A comunhào representa) por sua VeZ; a fonte e o fruto da missào J>.59* Esta afirmaçao da reflexao p6s-conciliar da Igreja encontra uma ima­ gem visivel na comunidade construida pelos irmaos. Esta é sempre uma fraternidade para a missao. Nao se trata, simplesmente, de a comunida­ de ter uma ocupaçao apost6lica externa. 0 mistério de Deus salvador brota como uma fonte na comunidade, que é vivida entre os irmàos e projeta-se na missao eclesial. Retorna, portanto, à comunidade e reali­ menta a vida desta a partir da realidade experienciada na missao.

Impulsionados pelos respectivos carismas fundacionais, os Institu­ tos de Irmaos constroem comunidades que se situam dentro da missào, em alguma parte da grande missao eclesial, quer seja ativa ou contem­ plativa ou mista. A comunidade atua como uma embaixadora do amor de Deus no mundo, instrumento de salvaçao entre os que sofrem, entre os marginalizados, entre os pequenos e os fracos. Ela encarna a presen­ ça salvadora de Deus dentro da realidade humana necessitada de salva­ çao. Por isso, é facil identifica-la como um sinal que conduz diretamente ao significado. Trata-se de um grupo de irmaos que se esforçam para viver em comunhao em torno de Quem os reuniu e comunicam essa experiência como uma mensagem de Quem os envia.

A aprovaçao dos Institutos de Irmaos, por parte da Igreja, compor­ ta, em primeiro lugar, o compromisso da missao que é realizada a partir de seu proprio carisma. Em segundo lugar, o reconhecimento de que o seu compromisso corn as diversas situaçoes humanas, em que estao envolvidos, nao é algo acidental ou externo à sua vida religiosa, mas é uma parte essencial de sua identidade e de sua consagraçào. Para além das tarefas concretas que desenvolvem, estas comunidades consagradas

representam a Igreja, *sacramento universai da saivaçào,60* no interior da so­ ciedade e, sobretudo, ao lado do pobres e dos que sofrem.

Parece, pois, apropriado nos referirmos a essas comunidades de irmàos como*fraternidades de serviço)* no sentido de que o ministério ecle­ sial,61 assumido pela comunidade de irmaos, lhes confere identidade pe­ culiar na Igreja. Além disso, a comunidade acentua a relaçao fraterna os seus membros e corn os destinatarios de sua missao. Quem realiza o ministério nao é um individuo, mas a comunidade. Os mem­ bros de uma comunidade ministerial podem desempenhar funçoes mui­ to diversas; alguns podem, até mesmo, estar impossibilitados de realizar qualquer tarefa externa, por doença ou por idade. 0 ministério nao é identificado corn uma tarefa espedfica. É o conjunto da comunidade que a realiza através dos varios serviços de seus membros, incluindo o da oraçào, da oferta do sofrimento por parte dos enfermos, da atitude solidaria de uns corn os outros... A comunidade inteira é responsavel

pela missao que a Igreja lhe confiou.

A fraternidade pelo serviço tem sido um contributo fondamental dos Institutos religiosos de vida de irmaos à vida consagrada e à Igreja. Através dela, os Institutos sublinham o laço indissolûvel entre comu­ nhào e missào, o papel essencial do amor fraterno como um eixo central da evangelizaçào, a extensao e a complexidade desta, a realidade da açao

do Espîrito e as sementes da Palavra62 presentes, de alguma forma, em

todos os povos e culturas.

###### Comunhàofraterna e vida em comum

1. A vida em comum, essencial caracteristica da vida religiosa dos irmâos, tem a finalidade de favorecer intensamente a comunhao frater-

*L.,11men Genti11m,* 48.

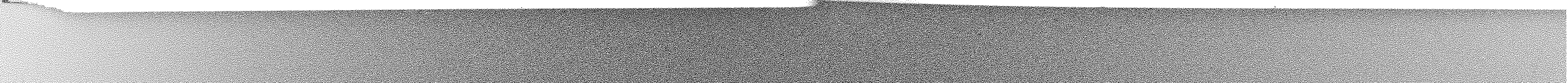
61 Cf. *Vita consecmta,* 60.

*62*

59 *Christiftdeles laici,* 32.

15.1.

CoNc. EcuM. V1\T. II, Decr. *Ad gentes,* sobre a atividade misionaria da Igreja, 11.2 y



30 31

na mas a vida fraterna nào acontece automaticamente corn a observân-

'

como opçào de um estilo de vida sobrio e simples, partilhando os bens,

66

cia das regras que regem a v1" da em comum.

para experimentar a comunhào fraterna corn os outros.

E a obediên­

É verdade que as estruturas sào necessarias, porém a comunidade dos irmàos se expressa principalmente em suas atitudes. Eles se reunem para participar mais intensamente na vida e na missào de Jesus, para tes­ temunhar a fraternidade e a afiliaçào a que todos os fiéis sào chamados.

A comunidade é, portanto, para os irmàos, *uma experiência)* mais que um lugar; ou melhor ainda, os irmàos vivem em comum, reunem-se num lugar para vivenciar mais profundamente esta experiência. Desta forma, eles respondem ao apelo de ser *peritos em comunhào,64* sinais efica­ zes da possibilidade de viver relacionamentos profundos enraizados no

amor de Cristo.

O amor mutuo é o distintivo dos cristàos (cf. *Jo* 13,35), e este é o sinal que os irmàos oferecem. Este deve ser o critério de discernimento de cada comunidade de irmàos, acima da eficacia de seus afazeres. É

facil ver como no periodo fundacional, de cada um dos Institutos de irmàos, ressalta-se o amor fraterno como o eixo central do projeto e presume-se, explicitamente, o ideal dos primeiros cristàos de ser «*um s6 coraçào e uma s6 alma» (Atos* 4,32). A partir <leste eixo, organizam sua açào apostolica conscientes de que esta consiste em transmitir o que os irmàos previamente vivem em comunidade. Sua fraternidade sera criadora de fraternidade, e a missào dos irmàos emerge, desde o inicio, como ser comunhào e como criar comunhào.

###### Fraternidade e conselhos evangélicos: um sinal contra-corrente

1. A vivência profética da fraternidade65 de irmàos é acompanha­ da pelo compromisso de assumir o estilo de vida de Jesus. 0 celibato consagrado lhes permite de viver plenamente a vida comunitâria e de ser irmàos e irmàs de todos, em vez de viver um amor exclusivo. A pobreza,

65 Cf. *A vidaJraterna em comunidade,* 3.

64 *1/ita consecrattt,* 46.

65 Cf. *Ibid..* 85.

cia, pela qual todos se unem em torno de um projeto comum, *«num mesmo testemunho e numa mesma missào) respeitando a pr6pria individualidade e a diversidade de dons».*67 Essa vivência profética requer uma ruptura inicial corn o lugar de origem, corn a familia, corn os amigos e corn o povo... para depois recuperâ-los, a partir do enraizamento na familia nova, no novo quadro referencial da fraternidade universal.

A comunidade dos irmàos vive sua missào missào profética contra­ corrente, pois por seu estilo de vida segundo o Evangelho, se opoe ao que o mundo promove. Ela é «uma fraternidade nascida do Espirito, da liberdade interior de quem confia em Deus, apesar dos limites humanos daqueles que a representam ».68 E, por isso, é um lugar de multiplos compromissos, de interdependência mutua, de conc6rdia e solidarieda­ de que se abre e se projeta para o exterior, num modo de vida exigente, no discernimento de seu estilo de vida à luz do Evangelho. Nào deve ser esquecido, no entanto, que a fraternidade é um sinal frâgil: precisa de re­ novaçào constante, tem que ser vivida no caminho para a santidade e no dinamismo evangélico que da vida e recria constantemente as estruturas.

###### Comunidade em busca

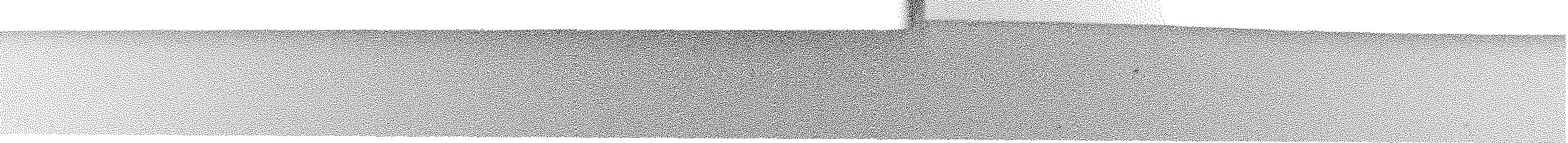
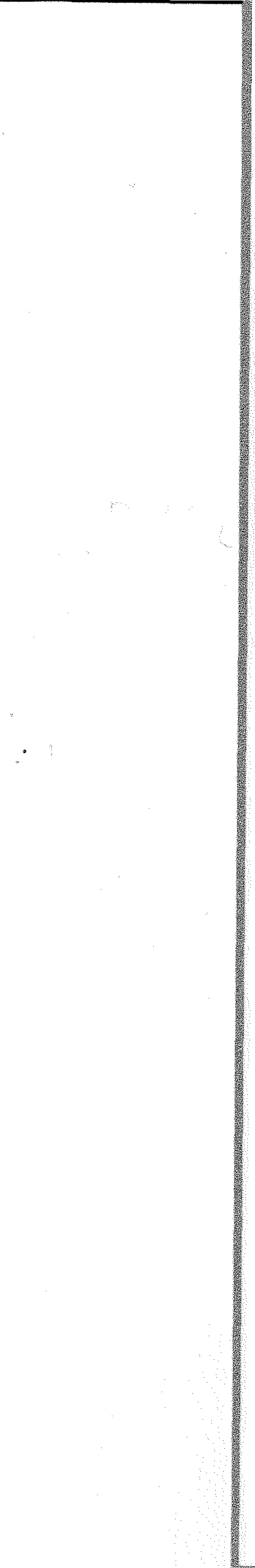
1. No inicio da sua experiência vocacional (cf. *Atos* 22,3-21)) o ap6stolo Paulo pe gunta: «O *que devo fazer, Senhor?)>* A pergunta indica a mudança radical de atitude que aconteceu nele ao deixar o seu proprio caminho para entrar no caminho de Jesus. A resposta ele nào a encontrara no cumprimento exato da Lei e das tradiçoes da Sinagoga, mas na escuta das pessoas, na leitura dos acontecimentos e na contemplaçào da Palavra.

Cf. PAPA FRANCISCO, *Mensagempara a celebraçào da XLVIIJornada Mundittl da Paz,* 1° de de 2014, S.

67 *Vita consecrata,* 92.

*lhid.*

Os religiosos Irmàos, ao enfrentar o presente, devem ousar a fazer a mesma pergunta que Paulo fez: «O *que devofaze,; Senhor?)>* Esta pergunta, porém, so é sincera quando é precedida pela disposiçào de «levantar-se », pois esta é a primeira exigência da resposta (cf. *Atos* 22,10.16). Ou seja, a fîdelidade ao tempo presente exige a disposiçào pessoal à mudança e à desacomodaçào. Sem isso, pouco valera a renovaçào das estruturas.



0 irmào nào faz a pergunta para si mesmo, mas a dirige ao Senhor Jesus, porque deseja conhecer e realizar a vontade d'Ele. Ele deve ser um *contemplativo1* para descobri-Lo nas pessoas e nos acontecimentos à luz da Palavra. Esta iluminaçào permite que o irmào leia a vida dia.ria a partir do coraçào de Deus e viva cada momento como tempo de graça e salvaçào.

A Vida consagrada, como toda forma de vida cristà, é uma *busca da peifeiçào no amor.* 69 A vocaçào do irmào e seu compromisso de ser memoria, para todos, desta obrigaçào é também motivo para um maior empenho na busca de perfeiçào. 70 Na busca de perfeiçào, devem estar muito atentos para o desgaste da vida fraterna em comunidade. Sào muitos fatores que tendem a destrui-la se os irmàos nào a construirem diariamente e nào repararem os danos ou confütos que ocorrerem. Par­ te do seu processo de conversào é *voltar continuamente ao essencial* à sua missao profética na Igreja: viver a fraternidade como um dom recebido de Deus e construi-la corn sua ajuda e corn o compromisso dos irmàos, dentro e fora da comunidade.

HI. A MISÀO:

A FRATERNIDADE, DOM QUE ENTREGAMOS

###### A vida comofraternidade com ospequenos: «O que ftzerem a cada um dos meno­ res de meus irmàos)> (Mt 25,40)

1. Duas imagens do Evangelho nos nostram o sentido da missao do irmào. Uma é a de Jesus compadecido corn a multidào, *«porque eles*

*m* Cf. *Ibid ,* 30; 35.

7° Cf. *Ibid.,* 39; 93.

34

*pareciam como ovelhas sem pastor )> (Mc* 6,34). Jesus sacia plenamente a fome da multidao corn o pao da Palavra e, movido de compaixào, pede a seus disdpulos que repartam corn eles, também, pào da vida natural: «*Vocês é que têm de lhes dar de comen> (Mc* 6,37).

A outra imagem também nos é oferecida por Jesus, *o Filho do ho­ mem,* mas desta vez a sua compaixào é apresentada como fraternidade autêntica corn os mais desfavorecidos, para identifîcar-se corn eles. Seu mandato torna-se uma advertência solene: *«o queftzerem a um destes meno­ res meus irmàos1 é a mim que ofazem... Tudo o que deixam defazer emfavor dos*

*humildes é a mim que deixam defazen> (Mt* 25,40-45).

Ero todo o Evangelho é notavel a preocupaçào de Jesus por aliviar o sofrimento e satisfazer as necessidades das pessoas, ao ponto de iden­ tificar-se Ele mesmo corn os mais necessitados e advertir que somen­ te aqueles que os socorrem herdarào o Reino prometido. Da mesma

,.,\_,,.u,,, a missào que seus disdpulos recebem, ao serem enviados para evangelizar, nào se refere apenas ao anuncio da mensagem espiritual, mas também para libertar as pessoas de tudo o que oprime seu ser e seu desenvolvimento humano, 71 ja que «*entre evangelizaçào epromoçào humana* - *desenvolvimento, libertaçào* - *existem defato laços muitofortes».* 72

Ao longo da historia da Igreja, tem-se levado a sério o mandato de

«*Deem-lhes vocês mesmos de comen>.* Sua açào evangelizadora tem sido sistematicamente ligada à partilha do pào humano, nas suas diversas for­ mas: alimento, saude, libertaçào, cultura, sentido de vida, etc. Em espe­ a historia da vida consagrada narra este esforço que se transforma

em realidade à Boa Nova do Reino.

A missào do irmào segue este mesmo movimento apresentado pe- dois icones que acabamos de contemplar. De um lado, é fruto de uro coraçiio que se deixa compadecer pelas necessidades e misérias humanidade; sente nelas o apelo de Cristo que o envia para saciar a diversas formas; o carisma o tornara sensivel a alguma destas

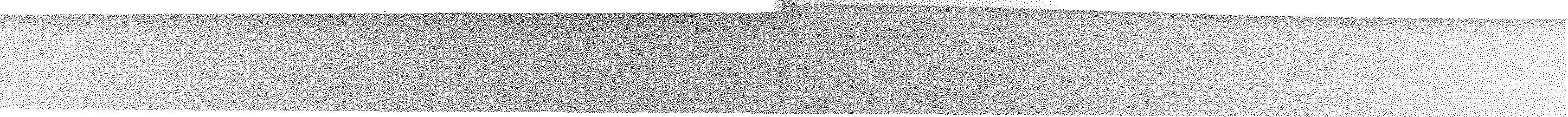
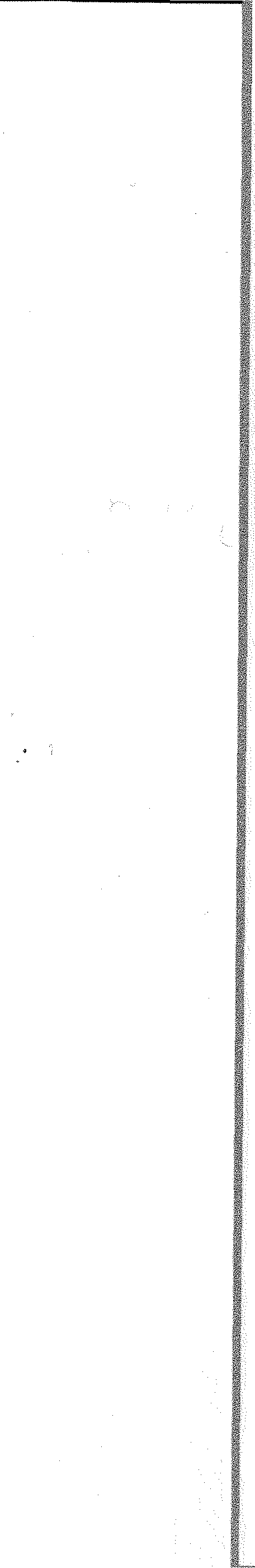


îewctaa,es. Mas, nào é sufîciente; o irmào, cuja vocaçào ultima é a de corn o Filho do homem, sente-se impulsionado a tornar-

Cf. *lv1t* 10,1; *Mc* 3,14-15; 6,12-13.

*CVt,11tf!e./u mm,zmaz.* 31.

35



-se como Ele, o irmao dos menores dos irmaos. E assim, como o dom da fraternidade, que recebeu e que vive em sua comunidade, entrega-o agora na missao. É um dom, cujos destinatarios ultimos sao os irmaos menores corn os quais Cristo se identificou. A missao nao é «*o quefaz )>)* mas a sua pr6pria vida feita comunhao corn os pequenos: «para que o dom nao humilhe o outro, nao s6 devo dar algo de meu, mas dar a mim

mesmo; prec1.so ser parte do dom como pessoa ».73

###### Participando no ministério de Jesus) «o Bom Pastor»

1. « ... Os religiosos irmaos desempenham diversos e valiosos serviços dentro e fora da comunidade, participando assim na missao de proclamar o Evangelho e dar testemunho dele corn a caridade no quotidiano da vida. Corn efeito, alguns desses serviços podem ser con­ siderados ministérios eclesiais, confiados pela autoridade legitima ».74 Os serviços « sao todos uma participaçao no ministério de Jesus Cristo, o Born Pastor, que da a vida por suas ovelhas (cf. *Jo* 10,11*))* o servo humil­ de e totalmente sacrificado para a salvaçao de todos (cf. *Mc* 10,45) ».75

A imagem do Born Pastor, assim como a imagem do Mestre corn toalha cîngida e a do lavar os pés dos discipulos, fala-nos, nao do poder, mas do serviço, do amor e do sacrificio até dar vida. Assim, o irmao deve entender seu serviço, quaisquer que sejam as funçoes concretas que lhes forem confiadas em complementaridade corn seus irmaos.

Entre os serviços e ministérios realizados pelos irmaos, alguns es­ tao mais ligados à vida interna da Igreja, enquanto outros destacam seu carater missionario. Alguns dependem de tarefas mais espirituais como o serviço da Palavra de Deus ou a liturgia, outros expressam melhor a Igreja preocupada pelo bem material dos homens, como a força do Es­ pirito para a cura e a transformaçao do mundo.

Em qualquer caso, a missao do irmao nao se reduz à atividade que realiza, mesmo que apost6lica. Missao é o trabalho de evangelizaçao em

73 BENTO XVI, *Deus Caritas est;* 34.

74 *Vi"ta consecrata,* 60.

75 *Christiftdeles laici,* 21.3.

# 36

seu sentido mais amplo. « Evangelizar constitui, efetivamente, a razao de ser e a vocaçao da Igreja, sua identidade mais profunda. Ela existe para evangelizar...».76 0 mesmo pode-se afirmar da vida consagrada e, es­ pecificamente, do irmao religioso: « Em sua vocaçao esta incluida, por­ tanto, a tarefa de dedicar-se completamente à missao. Antes das obras exteriores, a missao realiza-se em tornar Cristo presente, no mundo, através do testemunho pessoal. Este é o desafio, esta é a principal tarefa da vida consagrada! A pessoa consagrada esta 'em missao' em virtude de sua pr6pria consagraçao, expressa segundo o projeto do Instituto».77 Nesta relaçao intima entre a missao e consagraçao fundamenta-se a uni­ dade de vida do religioso, que se compromete na missao por sua consa­ graçào e vive sua consagraçao na missao.

As atividades que o irmao realiza, mesmo as mais apost6licas, po­ dem variar ou desaparecer por causa de doença ou de idade avançada, mas ele esta sempre em missao. 0 trabalho de evangelizaçao, vivenciado e a:nimado a partir do proprio carisma, é a razao de ser do irmao e o que da sentido à sua consagraçao religiosa. Corno Jesus, pode dizer: «*Por eles eu me consagro* » *(]o* 17,19).

Nào é, portanto, uma questao de tarefa, mas de identidade: « Eu sou uma missào nesta terra e para isso estou neste mundo. 0 irmao deve reconhecer-se a si mesmo como marcado pelo fogo por esta missào de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertarn.78 0 ministro é a pessoa: inteira do irmào: consagrado, homem de comunidade, identifi­ ca:do corn missào. Todo ele assume o privilégio e a responsabilidade de representar para a Igreja o Born Pastor que da a vida por suas ovelhas.

###### missiio que conduz asfontes: «Venha e vera)>

1. A sede de espiritualidade aparece corn força na sociedade atual, mas tende a se afogar numa infinidade de substitutos. 0 mesmo que Fe­ a Natanael, o irmao apressa-se para anunciar a descoberta da Pessoa

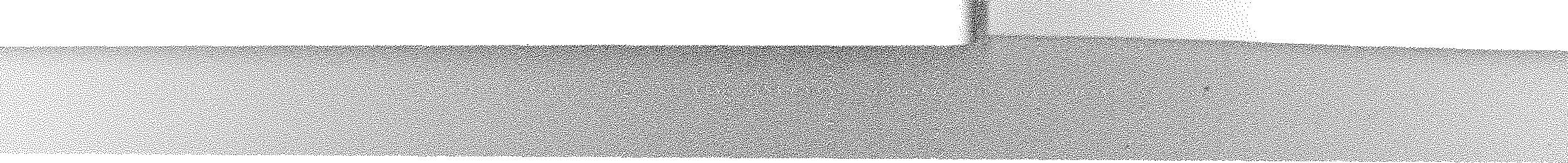
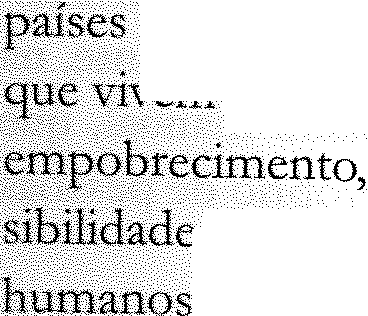
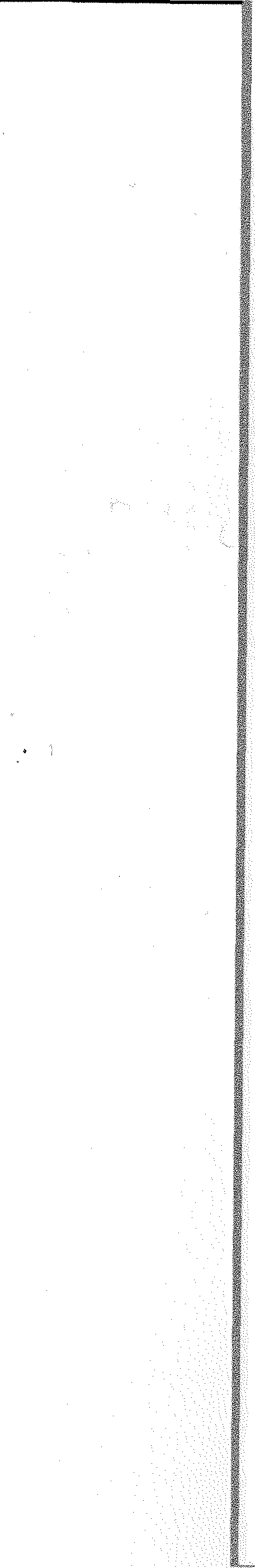
*1:'.Vt7n{le'lll nuntiandi,* 14.

77 *'Vita consecrata,* 72.

*bv,inpetii w,nwum.* 273.

37

que responde aos desejos mais profundos do coraçao humano; e, ante a descrença do seu interlocutor, pode dizer: «Venham e vejam » (cf. *Jo* 1,45-46). É o mesmo convite feito pela mulher Samaritana, ao povo de



sua cidade, depois de ter encontrado a fonte de agua viva que Jesus lhe ofereceu: «Venham ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Sera que ele nao é Messias? » *(]o* 4,29).

Os irmaos oferecem-se como guias na busca de Deus,79 conscientes de suas prôprias incoerências, capazes, porém, de acompanhar a seus contemporâneos em seu itinerario de fé. A nivel comunitario, os irmaos planejam suas comunidades para que sejam *escola de autêntica espititualzda­ de evangélica 80* e as oferecem como *lugares ptivilegiados de onde se expetienciam os caminhos que levam a Deus.* 81 Eles sào chamados, portanto, como comu­ nidade, a convidar à oraçao, a compartilhar a busca e a experiência de Deus, a facilitar a leitura das Escrituras e aprofundar o diâlogo entre fé e cultura...

As comunidades contemplativas concentram sua missao neste mostrar as fontes. Essas comunidades sào um sinal poderoso que in­ terroga ,a nossa sociedade longe de Deus. Elas sao lugares de encontro para jovens e adultos em busca do sentido profundo de suas vidas. Nào é casual o fenômeno do despertar espiritual e da atraçao da juventude por comunidades orantes de tipo ecumênico, como as comunidades de Taizé ou outras comunidades monâsticas e conventuais catôlicas, tanto de homens como de mulheres.

Todos os irmaos, qualquer que seja sua missao espedfica, devem preocupar-se em ser testemunhas da esperança que carregam dentro de si, de acordo corn o convite de Sao Pedro (1*Pd* 3,15). Eles sao chama­ dos para dar um rosto à esperança, tornando-se presente ern situaçôes de dor e miséria, afirmando que a ternura de Deus nào tem fronteiras, que a ressurreiçao de Jesus é a vitôria, que o Deus da Vida terâ a ultima

79 *Vita consecrata,* 103.

80 *Ibid ,* 93.

81 *A vidafmterna em comunidade,* 20.

38

palavra sobre a dor e a morte, que no ultimo dia Deus enxugara todas as lâgrimas *(Ap* 7,17) e viveremos como irmaos e irmàs.

###### Missào defraternidade, buscando ao irmàoperdido

1. Os carismas dos Institutos de Irmaos, muitas vezes, respon­ a este convite de Jesus: *«Atravessemos para a outra margem* » *(Mc* 4,35). narraçao evangélica a nôs transmitida, por Marcos *(Mc* 4,5-35,20), mostra Jesus e seus disdpulos adentrando-se em terras pagàs para anun­ a mensagem do Reino. Revela uma situaçao tipica da vida eclesial: frente à tentaçao de retrair-se e perrnanecer no seu prôprio espaço, a Igteja é provocada por seu Mestre a ultrapassarar as fronteiras. Nada do é humano lhe é alheio e qualquer situaçao humana serâ sempre um cenârio potencial para a Igreja, um lugar apropriado para o anuncio da

Boa Nova do Reino.

A busca do distante, do estranho, do perdido, do que tem outra cul­ tura,... é uma preocupaçào forte nas origens da Igreja e se repete como um eco potente no inîcio dos Institutos religiosos. Nos Atos dos Apôs­ a expressao «*os confins do mundo J>* indica o lugar para onde devem se



os disdpulos de Jesus para a proclamaçao do Evangelho: «Vocês minhas testemunhas... até os confins da terra » *(Atos* 1,8). Os reli­

m<Js<,s irmàos, animados por seus carismas, aceitaram este convite.

Hoje, onde estao os confins do mundo? Jâ nao coincidem corn os distantes, mas corn situaçôes de marginalizaçào, nas *petifetias* nosso mundo. Os confins estao, hoje, nos paises pobres, nos po­ vos em via de desenvolvimento e tambérn nas zonas deprimentes dos desenvolvidos. Os confins coincidem corn a realidade drarnâtica

hoje tantos homens e mulheres, num contexto marcado pelo migraçao, fome, injustiça, indiferença e falta de sen­

"""'',.."'·•""'-''c para a dor dos outros, a superficialidade, a perda de valores e religiosos... A vocaçao do irmào, vivida corn autenticidade e

,.,""'"'""'u.«ua nesta realidade, adquire um grande sentido.



39

A dimensào de *até os confins* traduz-se numa *opçèio preferencial pelos po­ bres) pelos que se encontram numa situaçèio de necessidade urgente.* 82 A esta opçào estào obrigados todos os disdpulos de Cristo, porque ela pertence à essência do Evangelho. 83 Na verdade, este é o sinal que Jesus da quando lhe perguntam se é Ele o esperado (cf. *M t* 11,2-6). As pessoas consagra­ das, que fizeram profissào pûblica *de conformar-se com Jesus) sèio chamadas a ser coerentes com o comprom isso de viver sempre para ospobres e) na medida em que seu carisma assim o exigir; com ospobres ou como ospobres.*

0 Evangelho de Lucas oferece ao religioso irmào um icone em que pode « espelhar-se » para deixar-se confrontar por ele em sua busca do irmào que esta distante. Trata-se do Born Samaritano (Le 10,30-37). 0 homem compassivo da Samaria, que se faz prôximo do irmào que esta caido é sinal do amor misericordioso do Pai.

###### Sinal de um Reino que busca a salvaçèio integral dapessoa

1. Muitos religiosos irmàos realizam sua missào exercendo uma profissào secular, seja no serviço da saûde, na educaçào, na assistên­ cia aos)migrantes, no acompanhamento de crianças e adolescentes em situaçào de risco, etc. Eles testemunham, assim, que o compromisso pelo Reino implica, também, o esforço para construit, aqui e agora, um mundo mais humano e habitavel, e que o amor de Cristo esta unido ao amor pela humanidade, especialmente a seus membros mais fracos e necessitados. Hoje, mais do que nunca, o mundo necessita de consagra­ dos que, a partir do coraçào das realidades seculares e da vida humana, testemunham que conhecem e amam o Deus da vida.

Referimo-nos aqui, em primeiro lugar, ao trabalho manual que mui­ tos irmàos e irmàs realizam. Os monges irmàos, especialmente em mos­ teiros beneditinos, desempenharam um papel decisivo no Ocidente, na restauraçào da dignidade e do valor positivo do trabalho manual, que ainda hoje em algumas culturas é considerado como prôprio de pessoas

82 Cf. *Vita consecrata,* 82; cf. *Evange!iigaudium,* 197-201.

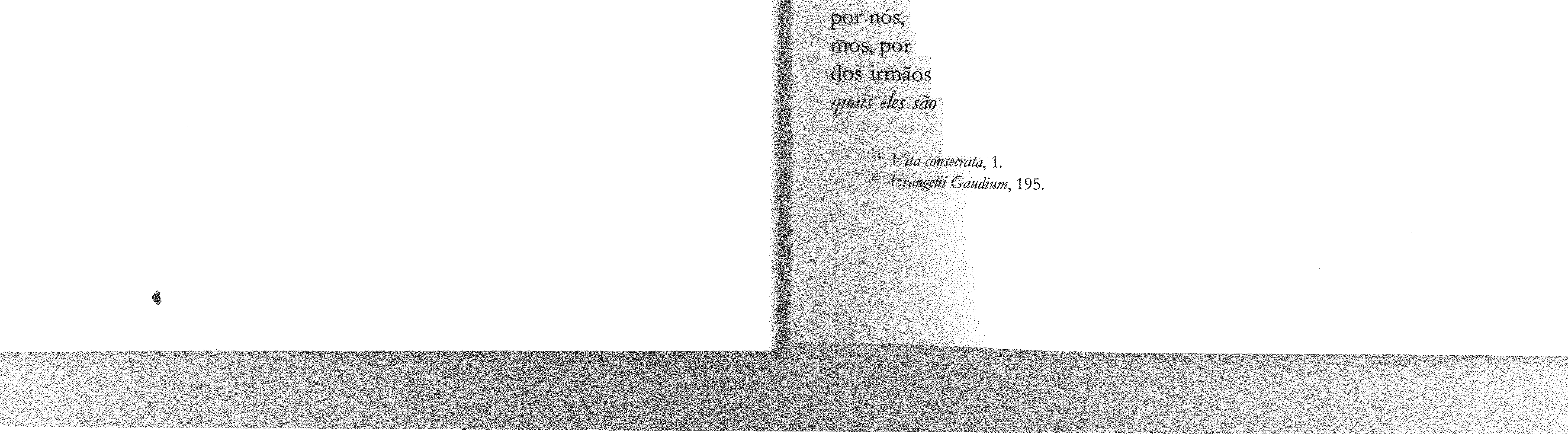
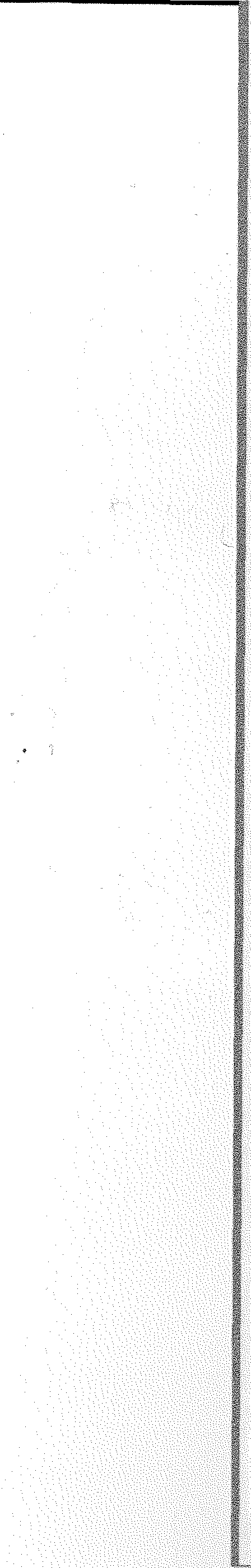
83 Cf. *Evange!zï gaudium,* 48-49.

de classe inferior. Através do trabalho manual, os religiosos irmàos, tes­ temunham o valor supremo do trabalho pelo qual o homem colabora corn Deus no aperfeiçoamento da obra maravilhosa da criaçào, tornam­

-se prôximo de seus irmàos mais simples e identifica-se corn Jesus, ir­ mào e trabalhador.

Os Institutos de Irmàos, cuja missào esta associada corn a promo­ çào social e ao exerdcio dos direitos humanos em va.rios campos de marginalizaçào, fragilidade humana ou de amadurecimento da pessoa, oferecem o sinal profético de um Reino que busca a salvaçào integral de cada ser humano. Sua inserçào, nestas tarefas e ambientes é, de pre­ ferência, comunitaria. Eles aportam, desta forma, o testemunho de uma comunidade fraterna, cuja coesào é baseada n'Aquele que os chamou e enviou. Mesmo quando, devido à idade ou outras circunstâncias, os irmàos nào podem exercer funçoes profissionais, a presença da comu­ nidade consagrada neste contexto é um sinal que mostra o caminho e aponta para um horizonte revelador de sentido.

0 Reino de Deus esta sempre entre nôs, é construido aqui; e esta sempre mais além, porque supera qualquer realizaçào humana; é obra do Espirito. Esta dimensào escatolôgica é personalizada e representada na consagraçào e na pessoa do irmào, e torna-se visivel, especialmente, na comunidade dos irmàos.



# 3.

### SER IRMA.OS HOJE: UMA NARRAÇÂO DA GRAÇA

*«Permaneçam no meu amor/» (]o* 15,9)

###### narraçao que sefa historia de sa!vaçao

1. Como podem os irmaos, hoje, ser um rosto reconhedvel da

*,i;,uuL"'""'* em continuidade com o ministério do servo de Javé (cf. *Is* 42,6) em fidelidade à vocaçao profética recebida do Senhor? Como podem t:01nt1inrn1r sendo a memoria viva e interpelante para toda a Igreja, de Je­ sus que serve, que lava os pés e ama até dar a vida? Como poderao sentir e a sua mensagem, aquela que a Igreja espera e precisa deles, a



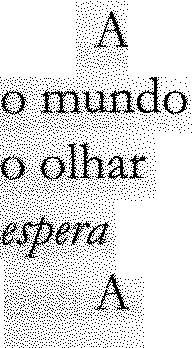
*L* de fraternidade? Em suma, o que implica ser irmaos, hoje? A resposta a estas perguntas nao é facil nem simples, devido às di­



*V'-""i"'""'"u.1*

ret:'encas entre os varios Institutos religiosos e a situaçao diversa da vida rei<)Sa nos diferentes continentes.

vida consagrada sempre foi uma historia de graça na Igreja e para



###### «um dom de Deus Pai à sua Igrefa através do Espirito», que orienta dos fiéis «para o mistério do Reino de Deus, quejci atua na historia, mas

*sua rea!izaçao plena no céu* ».84

vida *dos irmàos é uma historia,* uma *historia de sa!vaçao* a seus con­ ternt>orme:os e entre eles, especialmente para os mais pobres. «A beleza mc::sn::ta do Evangelho nem sempre pode ser adequadamente expressa porém, ha um sinal que jamais deve faltar: a opçao pelos ulti­

aqueles que a sociedade descarta e rejeita ».85 0 que é proprio é o preocupar-se em *ser um dom de Deus Paipara aque!es aos enviados.* Eles sao transmissores do amor que passa do Pai

43

ao Filho e do Filho a seus irmaos: *«Como o pai me ama) assim eu os amo. Permaneçam no meu amor>> (]o* 15,9). A permanência que lhes é pedida compreende uma dinâmica ativa, a do amor.

###### Quem é meu irmào?

1. A pergunta sobre o que significa ser irmao, hoje, pressupoe outra: *Quem é meu irmào?* E a parabola do Born Samaritano nos remete a esta outra: *Para quem) ou de quem) nos nos tornamos irmàos?* A resposta para os religiosos irmaos é clara: de preferência, daqueles que mais necessi­ tam de sua solidariedade e sao indicados no seu carisma fundacional.

Para dar vitalidade e realismo à narrativa, os irmaos sao chamados a deixar-se inspirar por uma série de icones biblicos, fundacionais e con­ temporâneos, que melhor possam abrir sua vida cotidiana ao mistério de amor e de aliança revelado pelo Pai, pelo Filho e pelo Espirito Santo. Os dois primeiros capitulos desta reflexao estao recheados de icones bîblicos, desde Moisés <liante da sarça ardente e o servo de Javé, *« aliança do povo»J* até Paulo caido na estrada de Damasco. Jesus é o icone central, que nos convida a ser pemoria do seu amor. 0 conjunto destes icones nos apresenta o grande relato da historia da salvaçao, na qual os irmaos sao

chamados a agir cooperando assim na obra salvifica de Deus.

Esses icones biblicos, por um lado, hao de se unir aos icones do periodo da fundaçao do proprio Instituto, que recordam aos irmaos o fogo inicial a ser recuperado. E por outro lado, hao de se unir, aos icones que hoje transmitem a voz do Espirito: rostos de irmaos que, nos ûlti­ mos tempos, deram suas vidas, até ao martirio, em lugares de conflito social ou religioso; e também aos rostos de crianças, jovens, adultos e idosos, pessoas que hoje vivem dignamente, graças ao apoio e à presen­

ça proxima dos religiosos irmaos.

Existem muitos mais rostos que ainda esperam que o Born Samari- tano se aproxime deles para tornar-se seu irmao e trazer-lhes vida. Corn seus olhares clamam ao irmao os dons que recebeu como mediador e cujos destinatarios ûltimos sao eles. Eles estao convidando os irmaos re­ ligiosos, hoje, seja qual for a idade que têm, para compor uma historia da graça, vivendo a paixao por Cristo e pela humanidade. A preocupaçao

corn a propria sobrevivência, para que a historia da salvaçao continue sendo escrita, é justa. Mas, muito mais procedente é o desejo de dar a vida, de enterrar-se como o grao de trigo, sabendo que Deus fara corn que ele produza *cempor um,* na forma que Ele julgar necessario.

###### Estabelecer osfundamentos: aformaçào inicial

1. A historia do *irmào) hr!}e)* começa a ser construida a partir da for­ maçao inicial: nela o vocacionado a este estilo de vida toma consciência da experiência do Servo: « 0 *Senhor me chamou) desde o seio materna) desde as entranhas da minha màe pronunciou o meu nome.* . .. *Souprecioso para o Senhor, e em Deus esta a minha força» (Is* 49,1.5). Enraizado, assim, na iniciativa livre de Deus e na experiência pessoal de seu amor gratuito,86 o jovem formando vai crescendo no sentimento de pertença ao Povo de Deus, dentro do qual e para o qual foi escolhido.

Um estudo adequado da eclesiologia da comunhao ira ajuda-lo a re­ lacionar-se corn as pessoas que seguem as diversas formas de vida corn as quais articula-se a vida eclesial.87 Sera também um incentivo para sen­ tir-se irmao corn todos os irmaos e irmas que formam o Povo de Deus. Podera ainda, descobrir e valorizar seus proprios dons, nao como uma coisa que o separa ou o eleva acima dos demais, mas como a capacidade que recebeu de oferecer algo especial para o crescimento do Corpo de Cristo e sua missao no mundo.

«Todos na Igreja sao consagrados no batismo e na confirmaçao ».88

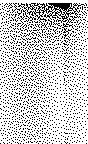
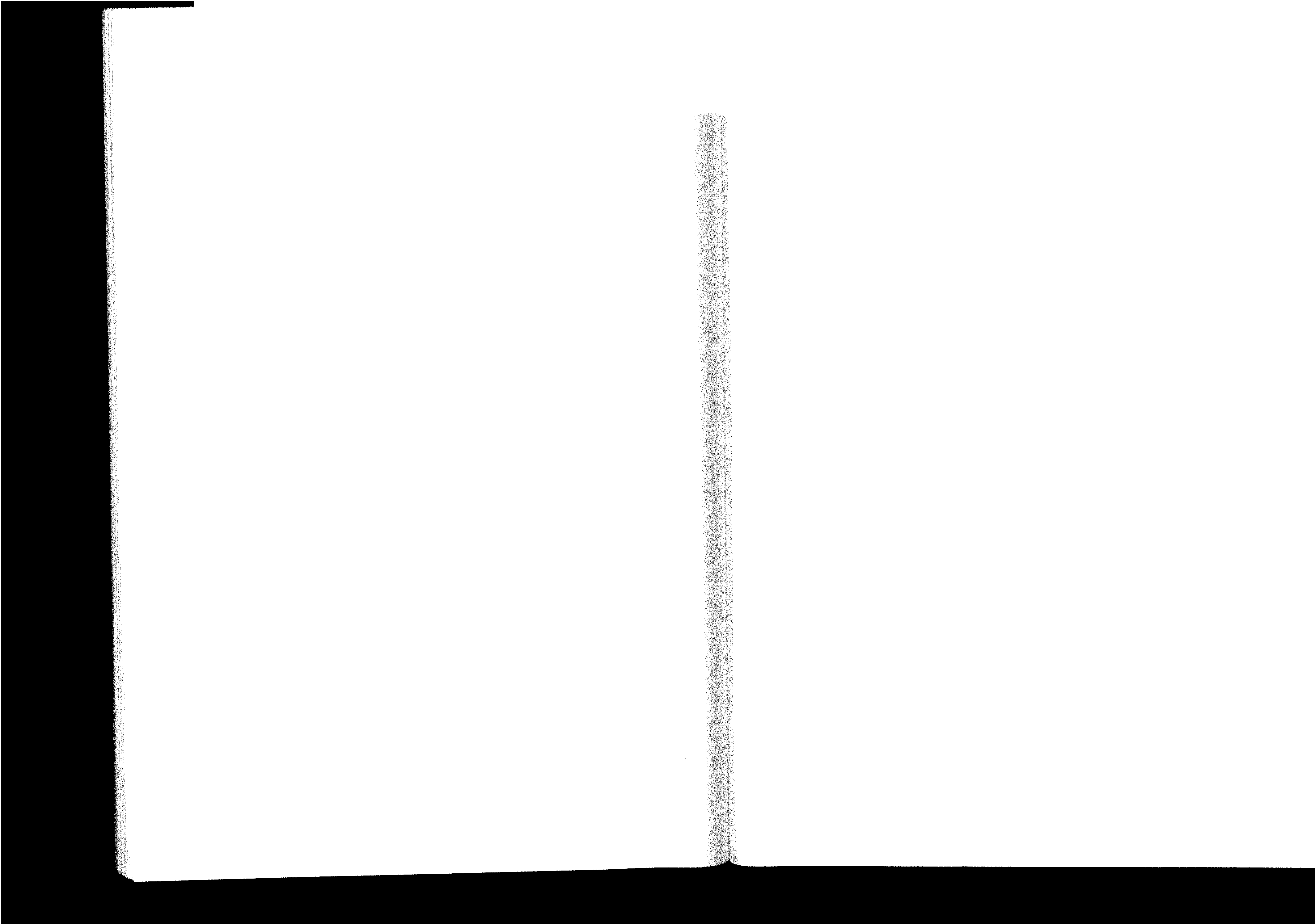
Aprofundando este alicerce comum e lendo-o do ponto de vista proprio do carisma fundacional, encontrara o sentido da consagraçao do religio­ so irmao. A intuiçao teologica carismatica que fundamenta sua vocaçao deve estar muito presente no inicio da formaçao inicial. Esta intuiçao revela um modo espedfico de viver o Evangelho, através de uma consa­ graçao especial enraizada na consagraçao batismal e ao serviço de uma determinada missao.

86 Cf. *Vita consecrata,* 17.

87 Cf. *Ibid.,* 31.

88 *Ibid.*

45



44

###### Alimentar a esperança: aformaçào permanente

1. Os irmàos vivem sua vocaçào no mundo de hoje de forma di­ versa: uns corn um certo desencanto e frustraçào, outros corn lealdade, paz, alegria e esperança. A formaçào permanente se faz necessaria ara estimular a alguns, para manter a outros e para dar a todos a oporturnda­ de de viver o presente como *um tempo de graça e de salvaçào* (cf. *2 Cor* 6,2). Hoje, mais que nunca, *é uma exigência intrfnseca da consagraçào religiosd' 9* e precisa ser programada em cada Instituto, num projeto sério e, quanto possîvel, sistematico.

A formaçào permanente dos irmàos orienta-se para que possam re­ viver em nosso tempo o itinerario dos fundadores; para que descubram e implementem, no presente, o dinamismo que os levou a criar um pro­ jeto de evangelizaçào; para que releiam o carisma fundacional à luz dos desafios e possibilidades atuais, descobrindo-o como raiz e profecia e se deixem inspirar por ele para responder aos problemas atuais. .

O objetivo da formaçào permanente visa dar as chaves para v1- ver a vida consagrada no mundo e na Igreja de hoje e proporcionar os critérios que orientam a presença dos irmàos no campo de missào. Essa formaçào deye levar os irmàos a apropriarem-se dos valores que acompanham sua açào. Ela deve ser considerada como um processo de discernimento comunitario para produzir a mudança em toda a comu­ nidade e nào apenas dos individuos isoladamente.

A formaçào, se possivel, deve ser compartilhada, nào sô corn os membros do Instituto, mas corn pessoas de outros estados de vida que participam do mesmo carisma. Sera, também, muito util consider a realizaçào de uma boa parte dela em coordenaçào corn outras familias

carismaticas, mais ou menos semelhantes, sem descuidar,no entanto, os

Muitos dos religiosos irmàos desenvolvem sua missào no exerdcio de profissoes seculares como na saude e na educaçào. Uma mentalizaçào prévia é necessaria para evitar que, de fato, a aposentadoria pelo traba­ lho abarque a aposentadoria religiosa. Nào existe aposentadoria na mis­ sào evangelizadora, simplesmente participa-se nela de varias maneiras. Uma maneira, e muito importante, é a de apoiar a missào comum corn a oraçào e o sacrificio; outra forma sào os pequenos serviços que podem ser oferecidos, de acordo corn as condiçoes de saude; e também, sendo testemunhas e protagonistas da gratuidade.

A contribuiçào esperada dos idosos nào é tanto o desempenho de tarefas espedficas, mas principalmente, o saber estar na comunidade como *mestres de vida e de esperança,* dispostos a acompanhar o caminho e o cansaço dos que estào mais envolvidos em tarefas externas da missào. Desta forma, eles cooperam para que a comunidade de serviço seja para o conjunto da sociedade, *o sinalprefético90* de fé, amor e esperança que esta necessita.

###### Prefetas para o nosso tempo

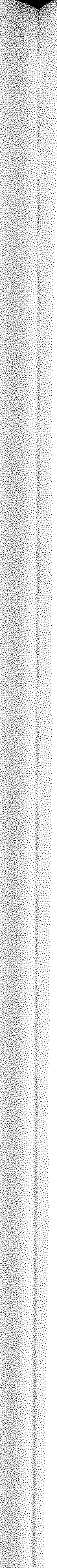
37. Cada época necessita de seus profetas. Nôs ja mencionamos varios serviços proféticos que os religiosos irmàos oferecem à socie­ dade e à Igreja de hoje, contribuindo para uma maior humanizaçào da sociedade e responder à sua busca de espiritualidade. Salientamos alguns outros, que o momento atual de mudança social exige, e que sào uma interpelaçào para os religiosos irmàos:

* A profecia da hospitalidade na abertura e acolhida do outro, ao estrangeiro aos de relio-iào raca ou cultura diferente. É um elemento

' '

*b""'* .l

traços peculiares de cada vocaçào.



###### Recuperar os mestres de vida e de esperança

36. Um caso particular é a formaçào permanente dos irmàos mais velhos, membros ativos na construçào da narrativa comum da salvaçào.

89 *Tl,;J* {;()

essencial da convivência humana frente à intolerância, à exclusào e à

falta de diâlogo.

* A profecia do sentido da vida. 0 serviço de dialogo e de escuta gratuita, ao qual muitos religiosos e religiosas dedicam grande parte do seu tempo, é uma ajuda para a descoberta do essencial, frente ao vazio existente na sociedade de bem-estar.

9° Cf. *Ihid,* 85.

\_ A profecia da afirmaçao dos valores femininos na hist6ri a humanidade. As irmas têm, aqui, o papel principal de aportar a v1sao feminina da vida e abrir também novos horizontes para a tarefa evan­ gelizadora em geral. Os religiosos irmaos contribuer:11 p:ra aprofundar esta linha profética através do apoio fraterno e valonzaçao da presença de mulheres, de religiosas e leigas na evangelizaçao.

\_ A profecia do cuidado e da defesa da vida, da integridade da criaçao. Ha religiosos e religiosas que arriscam suas vidas na demincia de praticas e politicas que ameaçam a vida humana e de seu habitat. Outrs dedicam grande parte do seu tempo e energias aos trabalhos manuais de conservacao da natureza. Corn a sua consagraçao, uns e outros apon­ tam, de foras diversas, o sentido e o valor espiritual <lesta missao, de preservar o nosso mundo para as geraçoes futuras.

\_ A profecia do sabio uso de novas tecnologias para coloca-las ao serviço da comunicaçao, para democratizar a informaçao, a fim de buscar maneiras de beneficiar os menos favorecidos e fazer delas um instrumenta ûtil na tarefa evangelizadora.

###### Em Familia: um novo modo de ser Igrja

1. Os religiosos irmaos vivem, hoje, frequentemente sua vocaçao inseridos em familias carismaticas. Muitas delas sào antigas, mas se reno­ vavam profundamente. Ao mesmo tempo surgem outras nvas, omo fruto da eclesiologia de comunhao, promovida pelo Concilia Vaticano
2. Elas apontam para uma nova maneira de viver e construir a Igreja, um novo modo de compartilhar a missao e de colocar em comum os diversos dons que o Espirito distribui entre os fiéis. Elas representam

«um novo capîtulo, rico de esperanças, na historia das relaç6es entre as

e projetas de vida, para beber de suas aguas e participar na missao da Igre­ ja, desde a sua inspiraçao e vitalidade, sempre renovada por tais carismas.92 Os leigos e as leigas, religiosos, religiosas e sacerdotes reûnem-se numa familia carismatica para reviver juntos o carisma que deu origem a essa familia, para encarnar juntos o rosto do Evangelho que tal carisma revela e para servir, juntos, à mesma missao eclesial, que ja nao é mais

apenas a missào de um determinado Instituto.

0 religioso irmao encontra, em sua familia carismatica, um ambiente propicio para o desenvolvimento da sua identidade. Em tal ambiente, os irmaos compartilham a experiência de comunhao e promovem a *espiritua­ lidade de comunhào)* como verdadeiro sangue que da vida aos membros da familia e a partir dela se estende a toda a Igreja. 93 Na familia carismatica, os religiosos irmaos situam-se entre outras cristaos e atuam em funçao de­ les. Corn eles, sao irmaos que constroem uma fraternidade para a missao, animados pelo carisma fundacional; *para eles)* eles sao sinais dessa mesma fraternidade, que sao chamados a viver na vida consagrada.

###### 0 vinho novo em odres novos

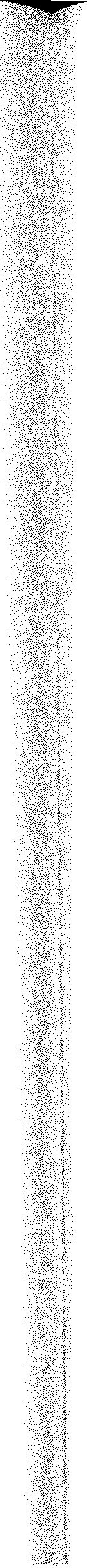
1. 0 vinho novo precisa de odres novos. É responsabilidade de toda a Igreja favorecer que o vinho novo nao s6 nào se perca, mas que possa obter qualidade.

* Os Institutos de Irmaos sao interpelados a desenvolver novas estruturas e planos de formaçao inicial e continua para ajudar os novos vocacionados e os membros atuais a redescobrir e valorizar a sua iden­ tidade no novo contexto social e eclesial.
* Os Institutos chamados « *mistos»,94* a que se refere a Exorta­ çao Apost6lica Vita Consecrata, formados por religiosos sacerdotes e irmaos, sao convidados a continuar avançando no seu prop6sito de

pessoas consagradas e entre os 1e1·gos ».91

- estabelecer, entre seus membros, uma ordem de relaç6es baseada na

Os carismas fundacionais nascidos corn as Ordens e Congregaçoes



religiosas, desdobram-se, hoje, como rios que irrigam a face da Igreja e se estendem para além dela. De sua orla se aproximam fiéis de varias estados

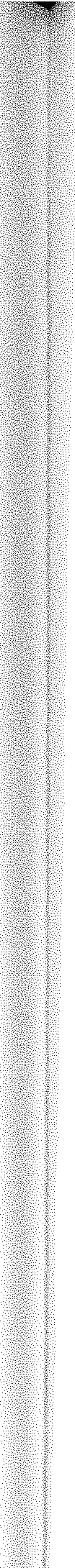
dignidade igual, sem quaisquer diferenças a nao ser aquelas derivadas

92 *Partir de Cristo,* 31

93 Cf. *Vita consecrata, S l .*

94 Cf. *Vita consecrata,* 61.

da diversidade de seus ministérios. Para promover este progressa, es­ peramos que se resolva, corn determinaçào e num perîodo de tempo oportuno, a questào sobre a jurisdiçào dos irmàos, nestes institutos.



* A teologia da vida consagrada é chamada a desenvolver uma reflexào em profundidade, especialmente pelos proprios Institutos de Irmàos, sobre a vida religiosa <lestes. Esta reflexào inspirar-se-â na ecle­ siologia e espiritualidade de comunhào, fundamento do estilo de vida religiosa, que se desenvolveu na Igreja nos ultimos séculos, sob a forma de*fraternidades de serviço.*
* Os superiores e orgàos de governo dos Institutos devem reforçar a sua atençào para descobrir os sinais de vida nova, para promovê-los e acompanhâ-los e para detectar as manifestaçoes do carisma fundacional nas novas relaçoes caracterfsticas da Igreja-Comunhào.
* Os pastores e a hierarquia da Igreja sào convidados a favorecer o conhecimento e a valorizaçào do religioso irmào nas Igrejas locais, que se traduz na promoçào <lesta vocaçào, especialmente na pastoral juvenil, e facilitar que os religiosos Irmàos e as Irmàs participem ativamente nos organismos de consulta, decisào e açào das Igrejas locais.

###### 0fto da narraçao: «Permaneçam no meu amor!)>

1. Concluimos esta reflexào sobre a identidade e missào do ir­ mào religioso, recordando o apelo do Mestre: «*Permaneçam no meu amon> (]o* 15,9). Os irmàos precisam ter bem presente quando entregam-se, corn ardor, para ser irmàos, hoje: «Nào percamos o fio condutor da his­ toria!». Este fio que estâ tecendo sua vida é a experiência de se sentirem enviados como sinais da ternura maternal de Deus e do amor fraterno de Cristo; é o fio que dâ unidade a todas as suas açoes e acontecimentos para constitui-los em historia da salvaçào. Quando se perde esse fio, a vida se fragmenta em episodios que jâ nào remetem a Deus, nem a seu Reino, mas se tornam autorreferenciais.

Os irmàos, no empenho para responder às necessidades da missào, podem ser assediados pela tentaçào do ativismo, pois é *muito o pao* que precisa ser preparado para os comensais. 0 ativismo, rapidamente, os

esvazia das motivaçoes evangélicas e os impede de contemplar a obra de Deus que se realiza na sua açào apostolica. Levados pelo ativismo, eles acabam substituindo a busca de Deus e de sua vontade pela busca de si mesmos.

A contemplaçào do icone representando Marta e Maria, visitadas por Jesus em sua casa *(Le* 10,38-42) é muito util. As duas irmàs vivem em *tensao reeiproea.* Elas precisam uma da outra, mas a convivência nem sempre é fâcil. Nos nào podemos separâ-las, mas sabemos que em cada momento pode predominar uma ou outra. Mas uma delas estâ atenta, especialmente, ao sentido e profundidade da vida que aporta a palavra de Jesus: Maria escolheu *«a melhorparte )>}* enguanto Marta *«estava ansiosa nas muitas tarifas )>.*

0 Evangelista Lucas narra a cena das duas irmàs logo abaixo da­ quela do Born Samaritano *(Le* 10,30-37), o homem que se tornou irmào de quem necessitava dele. Ambos os icones, portanto, complementam­

-se na mensagem e recordam ao religioso irmào a chave essencial de sua identidade profética, a que lhe garante *apermanência no amor de Cristo:* o ir­ mào é chamado a ser um transmissor na corrente de amor e aliança que vem do Pai por Jesus, que ele experimentou em sua pessoa. Enquanto ele realiza essa funçào, e para nào esquecer-se de que é apenas um ins­ trumenta movido pelo Espirito na obra de Deus, lembrarâ sempre as palavras de Jesus: «*Sem mim voeês naopodem Jazer nada » (]o* 15,5).

Vaticano, 4 de outubro de 2015 Pesta de Sào Francisco de Assis

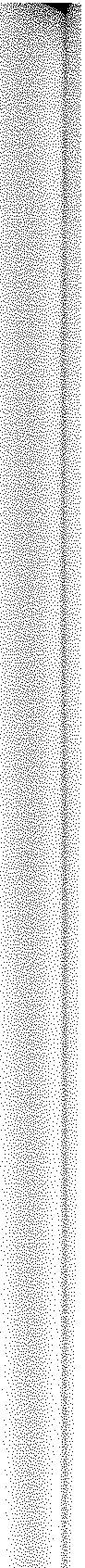
JoAo BRAZ, Card. DE Av1z

*Prefèito*

JosÉ RoDRiGUEZ CARfü\LLO, ofm

*Areebispo Secretatio*

### INDICE



lNTRODUÇAO . . . 3

1. Irmào . . . . 3

* 1. Os destinatârios 4
  2. Um marco para a nossa reflexào . 5
  3. Estrutura do documenta . . . . 5

1.

OS RELIGIOSOS IRMÂ.OS NA IGREJA-COMUNHÂO

*«Eu escolhi você como aliança do povo» (Is* 42,6)

* 1. Um rosto para a aliança . . . . . . 7
  2. Em comunhao corn o Povo de Deus . 8
  3. Uma memôria viva para a consciência eclesial 9
  4. Redescobrindo o tesouro comum 10
  5. Um projeta renovado . . . . . . . . 11

1O. Desenvolvendo o tesouro comum . . . 12

1. Irmào: una experiência cristià das origens 14

2.

A IDENTIDADE DO RELIGIOSO IRMÂ.O

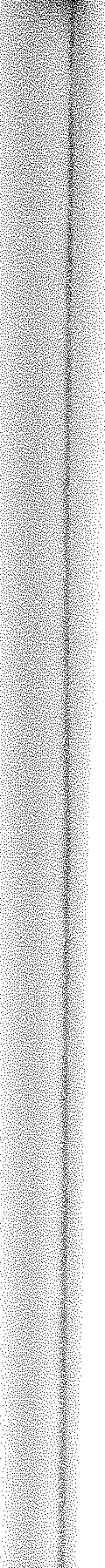
*Um mistério de comunhao para a missdo*

1. Memôria do amor de Cristo: « 0 mesmo devem fazer vocês... »

*(jo* 13,14-15) . . . . . . . . . . . . . . . . . . . 17

l. Ü MISTf:RIO: A FRATEfu'\!IDADE, 0 DOM QUE RECEBEMOS

1. Testemunha e mediador: « Nôs acreditamos no amor de Deus » 19
2. Consagrado pelo Espîrito . . . . . . . . . . . . . . . 20
3. Compromisso püblico: tornar visivel, hoje, o rosto de Jesus-irmào 21
4. Exercicio do sacerdôcio batismal . . . . . . . . . . . . 22
5. Semelhantes em tudo a seus irmaos 22
6. A profissào: uma consagraçào ünica, expressa em votos diversos 24



1. Uma espiritualidade encarnada e unificadora . 26
2. Uma espiritualidade da Palavra para viver o .Mistério « em casa»,

corn Maria. 27

* 1. A COMUNHAO: A FRATERNIDADE, 0 DOM QUE CONDJVIDIMOS

1. Do dom que recebemos ao dom que compartilhamos: *«Que sejam*

*umpara que o mtmdo creia;> (jo* 17,21) 28

1. Comunidade que desenvolve o sacerd6cio batismal 29
2. Fraternidade ministerial: « fonte e fruto da missao » 30
3. Comunhào fraterna e vida em comum 31
4. Fraternidade e conselhos evangélicos: um sinal contra-corrente 32
5. Comunidade em busca 33
   1. A MISSÀO: A FRATERNlDADE, 0 DOM QUE ENTREGAMOS
6. A vida como fraternidade corn os pequenos: *<<* 0 *quefizerem a cada*

*um dos menores de meus irmàos ;> (Mt* 25,40) 34

1. Participando no ministério de Jesus, « o Born Pastor» 36
2. A missào que conduz às fontes: «Venha e verâ» 37
3. .Missào de fraternidade, buscando ao irmào perdido . 39
4. Sinal de um Reina que busca a salvaçào integral da pessoa. 40

3.

SER IRMA.OS HOJE: UMA NARRAÇAÔ DE GRAÇA

*«Permaneçam* ***no*** *meu* ***amor!»*** *(jo* 15,9)

1. Uma narraçào que seja historia de salvaçào. 43
2. Quem é meu irmào? 44
3. Establecer os fundamentos: a formaçào inicial 45
4. Alimentar a esperança: a formaçào permanente . 46
5. Recuperar os mestres da vida e da esperança . 46
6. Profetas para o nosso tempo 47
7. Em famîlia: um novo modo de ser Igreja 48
8. 0 vinho novo em odres novas 49
9. 0 fio da narraçào: «Permaneçam no meu amor!» 50